

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS  
INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS E PESQUISAS PSICOSSOCIAIS  
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MOTIVAÇÃO PARA O CUMPRIMENTO DE  
NORMAS DE CONDUTA SOCIAL

EMILIA MARIA V. F. R. DE MENDONÇA

FGV/ISOP/CPGP  
Praia de Botafogo, 190 - sala 1108  
Rio de Janeiro - Brasil

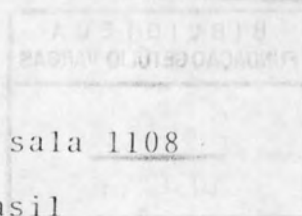
FEV  
200  
PRETO

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS  
INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS E PESQUISAS PSICOSSOCIAIS  
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MOTIVAÇÃO PARA O CUMPRIMENTO DE  
NORMAS DE CONDUITA SOCIAL

EMILIA MARIA V. F. R. DE MENDONÇA

FGV/ISOP/CPGP  
Praia de Botafogo, 190 - sala 1108  
Rio de Janeiro - Brasil



FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS  
INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS E PESQUISAS PSICOSSOCIAIS  
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MOTIVAÇÃO PARA O CUMPRIMENTO DE  
NORMAS DE CONDUTA SOCIAL

*por*

EMILIA MARIA V. F. R. DE MENDONÇA

Dissertação submetida como requisito parcial para  
obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA

Rio de Janeiro,

de 1986

## R E S U M O

O pressuposto que a motivação influe no comportamento e a internalização é um fator de percepção de normas sugeriu esse tema: Motivação como fator de efetivação na percepção e cumprimento das normas de conduta social.

Assim foi feito um trabalho de campo sobre características pessoais em estudantes do 2º grau e sua percepção quanto as normas de ética pública.

Variáveis de personalidade e atitude foram inseridas através de 4 escalas.

Foi elaborado e testado um questionário de ética pú—blica tendo sua fidedignidade comprovada.

O tratamento estatístico das Escalas x Questionário foi feito através da Regressão Múltipla. Os resultados mostraram que 2 das variáveis medidas (personalidade e atitude) obtiveram correlação significativa em relação as normas de ética pública.



## S U M M A R Y

According to the theme, motivation changes behaviour and internalization is a factor of rule perception: "Motivation acts as a main factor in the perception and execution of social conduct rules".

It is a survey based on personal characteristics found in high school students and their perception of public ethics-rules.

Variables of personality and attitudes were analyzed by means of four different scales.

A questionnaire on public ethics was made and tested.

The way dealt with the scales and questionnaire statistically was evaluated by means of multiple regression. The results have shown that the two variables measured (personality and attitude) proved to be quite correlated and reliable.

## I N D I C E

Agradecimentos -----	iii
Resumo -----	iv
Summary -----	v

	<u>PÁG</u>
<u>INTRODUÇÃO</u> -----	01
<u>CAPÍTULO I:</u> PROBLEMA	
1.1 - VISÃO HISTÓRICA DO PROBLEMA -----	05
1.2 - VISÃO HISTÓRICA DO PROBLEMA -----	07
<u>CAPÍTULO II:</u> REVISÃO TEÓRICA	
2.1 - TEORIA DA MOTIVAÇÃO. BREVE HISTÓRICO SOBRE A MOTIVAÇÃO -----	11
2.2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA -----	20
<u>CAPÍTULO III:</u> METODOLOGIA	
3.1 - HIPÓTESES -----	30
3.2 - AMOSTRA -----	31
<u>CAPÍTULO IV:</u> O TRATAMENTO ESTATÍSTICO	
4.1 - DAS VARIÁVEIS DE IDENTIFICAÇÃO: CONCLUSÃO DOS DADOS OBTIDOS -----	34
4.2 - DISCUSSÃO DO TRABAMENTO ESTATÍSTICO      DAS ESCALAS E DO QUESTIONÁRIO (EP) -----	41
1 - MÉDIA E PERCENTUAL -----	41

2 - CORRELAÇÃO DAS ESCALAS -----	42
4.3 - RESULTADOS DE REGRESSÃO MÚLTIPLA -----	50
4.4 - DISCUSSÃO. REGRESSÃO MÚLTIPLA -----	51
CONCLUSÃO -----	54
BIBLIOGRAFIA -----	59
ANEXOS:	
I: EXEMPLAR DO INSTRUMENTO APLICADO -----	62
II: ESCALAS -----	79
III: QUESTIONÁRIO DE ÉTICA PÚBLICA -----	85
IV: AVALIAÇÃO DAS ESCALAS -----	95
V: TERMINOLOGIA -----	99

## A G R A D E C I M E N T O S

- Agradeço a **FE** e a **ESPERANÇA** de um dia vir a ser compreendida na valorização do respeito mútuo à pessoa e à preservação do patrimônio.
- Ao Professor **ELIEZER SCHNEIDER** pela supervisão da dissertação.
- Aos **COLEGAS** do **ISOP** que me estimularam na execução do motivo escolhido.
- À minha **FAMÍLIA**, o incentivo recebido.
- Ao Dr. **LUIS FERNANDO REBELLO**, com afeto, agradeço as sugestões dadas.
- Aos **JOVENS ADOLESCENTES**, acreditando neles na continuidade da responsabilidade social, dedico este trabalho, para que mais tarde possa vir a ser desenvolvido.

## I N T R O D U Ç Ã O

Desde os primórdios da civilização, quando o homem deixou de ser um ser isolado para viver em grupos, passou a fazer coisas e ter atitudes que não eram aceitas por esses mesmos grupos. Para que houvesse um bom entendimento entre esses membros que viviam agrupados foram estabelecidas regras de conduta que seriam comuns a todos. Como todos faziam parte de uma mesma sociedade, essas regras foram denominadas regras de conduta social.

Mesmo sabendo que determinadas atitudes não são aceitas por serem inadequadas e proibidas por ocasionarem mal-estar a outrem, os indivíduos não as levam a sério e continuam se comportando indiferentemente, transgredindo-as.

Isso acontece muito frequentemente aqui no Brasil, visto que há países em que há mais respeito a normas e regras. A maioria desses comportamentos sociais têm sido estudados por psicólogos, sociólogos e antropólogos. O que, de modo geral, acontece, é que os estudos desses cientistas sociais estão voltado para os grandes problemas como favelização, transporte urbano, conflitos grupais, interação do indivíduo e a sociedade e todas as neuroses decorrentes da existência deles.

A nossa proposta de trabalho vai se ater a atitudes do dia-a-dia que pelo desrespeito existente devem ser motivo de estudo, uma vez que elas demonstram que nós, brasileiros não percebemos que a formação da estrutura individual e consequente cultura existencial está intimamente ligada às atitudes que



o indivíduo toma e adquire através da vida.

Para tanto, pensamos que é muito importante para que se forme todo um processo de conscientização social, que se trabalhe a nível de "pequenas coisas" muitas delas tidas como insignificâncias como jogar coisas nas ruas ou pelas janelas (no decorrer do trabalho essas variáveis serão melhor explicitadas e relacionadas).

Aparentemente essas pequenas coisas, quase irrelevantes, chegam a ocasionar sérios conflitos e até acidentes de certa gravidade muitas vezes fatais.

Pensamos firmemente que se queremos discutir e contestar grandes problemas da sociedade se faz necessário que respeitemos a individualidade e toda a comunidade a que pertencemos. Basta apenas que não façamos tais coisas que podem facilmente ser evitadas, desde que cumpramos as ordens de proibição como por exemplo, nas viaturas onde se colocam placas proibindo fumar vêem-se indivíduos que tranquilamente, acendem o cigarro, pouco se importando de que aquela sua atitude venha incomodar a pessoa ou as pessoas que se acham dentro da mesma viatura e, principalmente, infringindo a placa proibitiva de "é proibido fumar dentro do coletivo".

A falta de bibliografia e trabalhos específicos sobre o tema e em geral sobre a conduta social expressa, não deve ser vista como uma demonstração de desinteresse pelo assunto. Parece-nos mais que nas civilizações de conduta social desenvolvida ela até carece de fundamento, porque de modo geral, as pessoas já trazem em sua bagagem de educação existencial essas atitudes

que se tornaram hábitos comportamentais, incorporados a toda uma disciplina de vida, por assim dizer, hereditária. Cabe no momento ressaltar que aqui no Brasil não se dá grande importância em transmitir para os descendentes hábitos desse teor. Em nosso caso específico, a falta de bibliografia referente a temática proposta parece estar ligada ao fato de que este tipo de conduta social fica relegada a um plano bem inferior daquilo que nos fizeram entender como cultura ou educação social.\*

Esta é pois a razão principal deste estudo que pretende ser um trabalho de campo. Não a de criar uma bibliografia, específica como meta principal, mas a de mostrar que existe todo um processo de cultura existencial embasado em "grandes acertos" e "grandes erros" sendo esquecido que as grandes mudanças sociais somente podem acontecer a partir do momento em que as pequenas mudanças atitudinais ocorram. Pensamos que o principal para que se efetive a conscientização das normas de conduta social é a internalização dessas normas sem o qual o indivíduo não as incorpora e nem mesmo as percebe.

Em poucas palavras, para que possamos ajudar a melhorar as condições de respeito ao indivíduo e salvaguardar o espaço de cada um de nós é importante que conheçamos quais os fatores ou o fator preponderante para que, por um lado alguns indivíduos percebam esses valores sociais e outros desconheçam ou ignorem e até numa outra colocação, percebam mas não os respeitem.

Para tanto, levantamos a possibilidade da existência de alguns fatores que pensamos sejam talvez as causas principais pa-

ra o desconhecimento desses valores que implicam no desrespeito às normas de conduta social.

Muitas indagações podem ser feitas em cima de problemáticas como: seriam normas aversivas ao indivíduo; seriam por demais coercitivas; pura causalidade sem menor intencionalidade ou não decorrente de forças internas ou externas decorrentes do sistema.

Este estudo baseia-se na teoria de Rotter (1966) sobre Locus de Controle, uma variável no processo de aprendizagem social e também um constructo na Atribuição de Causalidade.

Outro aspecto que pretendemos levantar dentro do problema proposto, é se haverá motivação que leve o indivíduo a internalizar essas atitudes em relação aos cumprimentos das normas de conduta social.

A Escala de Locus de Controle desenvolvida por Rotter (1966) para a medida de internalidade e externalidade foi traduzida e adaptada à nossa população por Dela Coleta (1979). Este instrumento foi adaptado da escala original de James e corrigido na direção da externalidade, quanto maior o escore do sujeito mais externo será o indivíduo.

## CAPÍTULO I

### P R O B L E M A

#### 1.1 - VISÃO HISTÓRICA DO PROBLEMA

É difícil dizer, a partir de que momento a preocupação do homem em estudar normas de conduta surgiu.

Se nos voltarmos no tempo e no espaço e observarmos a constituição das sociedades vamos verificar que o indivíduo necessitou impôr a si e, principalmente, aos outros, normas de conduta que permitissem a sua existência e a do grupo do qual fazia parte.

Esbarramos então na primeira dúvida. Que fatores seriam determinantes para estabelecer estas normas?

Parece-nos, todavia, que três fatores são os mais importantes para o estabelecimento delas: o fato político, o fato econômico e o fato social, trabalhando os três, ora em conjunto, ora separadamente.

Se olharmos para Platão e Aristóteles, veremos que para o primeiro a regra nas sociedades estava estritamente expressa em que a ordem social e política dependiam do saber. Para Aristóteles a conduta do homem variava conforme o tipo de ordem política ao qual se encontravam ligados.

A grande dúvida dos pensadores estava em vincular o comportamento do homem à lei universal da ordem, ou aceitar leis diversas e mutáveis e, portanto, arbitrárias.



Assim, na busca de ordem eterna das coisas, de uma lei universal da qual participam e dependam todos os objetos, reconheceram-se, como elementos fundamentais da ordem entre os homens em sociedade ora a razão comum a todos, ora o senso comum, ora uma intenção compartilhada por todos.

Mais adiante encontramos Saint-Simon, Comte, Fourier e os sociólogos marxistas, voltados especificamente para os problemas políticos e sociais.

E aí, observamos que, do empirismo inicial de conceitos soltos, partimos para conceitos mais práticos, uma vez que a própria ordem social, mais rígida e atuante, passa a exigir do homem um tipo de conduta social afim com os padrões impostos pela sociedade.

Como vivemos, atualmente, em função de duas grandes linhas políticas: a esquerda e a direita e em função de regimes econômicos também distintos: o socialista e o capitalista, resta-nos como ponto de contato entre ambos o fato social que, presumivelmente, é a parte onde a grande luta se desenvolve: a de promover o bem comum meta que cabe numa linha intermediária superando os antagonismos extremistas.

E é a partir da aquisição desse bem comum que podemos avaliar melhor a conduta social de cada indivíduo em relação ao ambiente que o cerca, e a procurar responder porque pessoas têm condutas sociais não condizentes aos que possuem economicamente.

Pensamos que o comportamento do indivíduo esteja relacionado a uma formação educacional dada através da família e a sua conduta social influenciada por fatores altamente motivacionais.



## 1.2 - VISÃO HISTÓRICA DO PROBLEMA

Quando estudamos a nossa História, ficamos sabendo que grande parte dos fatos históricos se calcaram no autoritarismo. À contrário sensu, como que para fugir a ele e como forma de de fesa também, sempre procuramos tangenciar as leis ou normas sociais impostas, de modo geral, arbitrariamente.

Após a descoberta do Brasil, necessário se fez povoar a terra. Como à época, Portugal tinha metas para o futuro, poucos portugueses de boa formação, quizeram imigrar para o novo país. Por essa razão, diz a própria História que, os que para cá vieram pertenciam às classes mais inferiores tanto social, cul tural ou economicamente.

A par disso, as mulheres foram "escolhidas" obedecendo mais ou menos, à mesma gradação. Muitas vieram de orfanatos, outras de procedência mais duvidosa, para serem esposas dos pio neiros pátrios (Rocha Pombo. História do Brasil, 1928).

Claro está que com tal mescla os resultados colhidos nos campos social e cultural não poderiam ser os melhores.

Com o passar do tempo, ambientados em seu novo habi tat, estes colonos passaram a criar suas próprias regras de com portamento social, mas sempre obedecendo à "Corte-mãe", impregnada de autoritarismo.

Contudo, seguindo o velho adágio de que "O que os o lhos não vêem o coração não sente" estes colonizadores foram cri ando formas de "combater" aquele poder tão autoritário, procu

rando soluções locais para que seu *modus vivendi* estivesse de acordo com as necessidades que o ambiente impunha.

Alguém contestaria dizendo que quase na mesma época, o recém descoberto Estados Unidos tiveram o mesmo problema. Realmente, as condições foram quase que iguais. Apenas, além de ingleses e franceses, vieram também outros colonizadores, como irlandeses, escoceses, suecos, espanhóis, holandeses e outros mais que, vivendo na Europa em condições inferiores e muitos dominados por outros povos, viram no Novo Continente o lugar certo para uma nova vida.

Some-se a isso, que no caso do Brasil, a idéia predominante por parte da "Corte-mãe" era apenas de tirar da colônia as supostas riquezas que ela tinha para oferecer. E tinha mesmo. Por isso, a impressão que a História dá é de que não existia por parte de Portugal vontade que houvesse a fixação de seu povo em nossas terras num processo definitivo, mas, apenas, pessoas que servissem de marco da presença portuguesa no Novo Continente.

No caso dos Estados Unidos, o fato social que se tem conhecimento até pela História daquele país, é que os que vieram, vieram para ficar e criar raízes, como idéia original e principal. Por isso, os imigrantes que para lá foram, tinham uma formação sócio-cultural diferente da que por aqui ficou.

Com o correr do tempo, começou-se a formar gerações de brasileiros, filhos dos imigrantes que se radicaram aqui.

Claro que tal fato gerou nestes brasileiros um sentimento pátrio, até então desconhecido, uma vez que seus pais, não o possuíam por razões óbvias.

Por essa razão, advieram todas as lutas pela independência, para fugir do autoritarismo da Corte-mãe. A História por si só fala, e seria fastidioso e desnecessário lembrá-la em últimos detalhes.

Contudo, é bom lembrar, a Independência só pode ser conquistada porque tínhamos um imperador português, símbolo do autoritarismo da época.

Com o advento da República, a presunção é de que o autoritarismo se diluiria numa nova concepção de governo, na qual governantes e governados, participassem da coisa pública de forma e maneira iguais.

Acontece é que nos 96 anos de vida da República, pelo menos, 45 anos foram de autoritarismo declarado. Isso, implica em dizer que o autoritarismo impregnou o dirigente e por via direta, o cidadão, dirigente, em primeira instância, de si mesmo.

Se o autoritarismo sempre significou "coisa imposta" em se tratando de decisões, criou também, como válvula de escape, uma marca registrada no comportamento de dirigentes e dirigidos: o paternalismo. Ou seja, a cada decisão autoritária, segue-se, como desculpa pelo ato, um outro ato qualquer que visa proteger o cidadão de si mesmo. Ora, com isso, tirou-se de todos o poder de decisão pleno, e ficamos na posição de termos que tangenciar a realidade existente, entre o que nos disseram ser certo e o que achamos ser correto.

Assim, vimos todos, por gerações, convivendo com uma dubiedade de atitudes digna de registro. Por essa razão, temos dado aos nossos filhos e alunos uma dimensão errada de seu potencial na solução de seus problemas pessoais.

Exemplificando: passamos a tirar dos filhos todas as responsabilidades cabíveis em cada faixa etária, resolvendo tudo por eles. Quando se tornam adolescentes, cobramos deles todos os comportamentos e atitudes responsáveis para as quais não foram exercitados. Daí, a ambiguidade comportamental tão característica do adolescente, mirando-se ora no comportamento familiar aprendido, ora no que é mostrado por símbolos de prestígio e no "ser moderno", tão à gosto.

## CAPÍTULO II

### REVISÃO TEÓRICA

#### 2.1 - TEORIA DA MOTIVAÇÃO: BREVE HISTÓRICO SOBRE A MOTIVAÇÃO

Motivação, termo empregado geralmente para designar conjunto da ação de incentivos e impulsos.

Motivo: fator de conotação afetiva que opera na determinação da direção da conduta de um indivíduo para um fim ou meta apreendido consciente ou inconscientemente, ou finalmente, prover um incentivo, atuar como incentivo (James Drever Penguin Books, 1952).

"Motivação é o processo que suscita ou inicia uma conduta".

A análise da motivação deve ter em conta todos os fatores que suscitam, sustentam e dirigem a conduta.

O conceito de motivação é muito mais amplo; porém não é tanto como o de "psicologia", posto que a explicação psicológica inclui a consideração de fatores motivacionais e não motivacionais (Young P.T. Encyclopedia of Psychology).

Dentre as duas colocações, a de Young é a mais próxima daquela que eu penso ser a razão pela qual nós fazemos ou não fazemos coisas e até mesmo contrariando, muitas vezes, hábitos e maneiras de pensar, deixamos de fazê-las.

Aristóteles e outros filósofos da antiguidade descre-



veram o "desejo" ou os impulsos "como uma das forças mentais" ou "faculdades". Faculdade está implicada no mesmo nível de percepção da imaginação e o sentimento.

Na Idade Média, S. Tomás de Aquino distinguiu o "desejo sensual" da vontade racional.

Para Filósofos como Descartes, Hobbes e Spinoza os "impulsos" (desejos "ou esforços") eram uma classe importante de variáveis psicológicas e intelectuais. O hedonismo, teoria da motivação, amplamente difundida durante os séculos XVIII e XIX, entendia que o homem sempre atua para ter prazer ou evitar desprazer.

Kant foi o primeiro que colocou a cognição, a emoção e a vontade no mesmo nível de classificação psicológica. Esta colocação prevaleceu até começos do século. Esta classificação de variáveis motivacionais se dividem em dois grupos: "emoção" e "vontade". Wundt foi o verdadeiro fundador da psicologia experimental, aceitava uma relação estreita entre a "emoção" e a "vontade".

Segundo Wundt a vontade é uma série especial de emoções que conclui com um sentimento de determinação que espontaneamente se traduz em ação.

Influenciado pelo enfoque biológico que iniciou a teoria de Darwin (fins do século XIX) os psicólogos começaram a

ver nos "instintos" os motivos primários da conduta, tanto no homem como nos animais.

W. James diz que entre todos os seres vivos o homem é que possui mais instintos e que os instintos estão em relação primária com a vontade. Mais tarde os instintos dominaram a teoria de McDougall.

H. Hoffding considerou a vontade como a energia psíquica que determina a síntese das outras funções.

No princípio do século N. Ach analisou experimentalmente algumas variáveis motivacionais, as chamadas "tendências determinantes", inspirando assim, uma teoria psicológica (teoria de campo de K. Lewin).

Ao mesmo tempo Freud criava a psicanálise, segundo a qual os motivos primitivos inatos (instintos ou impulsos) têm uma importância fundamental na conduta do indivíduo, principalmente, para o seu desenvolvimento (adaptação ou inadaptção).

Muitas das teorias de Motivação que surgiram no século XX foram influenciadas pela psicanálise.

As teorias sobre a motivação versavam sobre as variáveis: instinto, impulso e necessidade. Relacionaremos as teorias desenvolvidas dentro do tema motivação; de McDougall, de Tolman; de Young; de Allport; de Lewin; de Murray; de Hull; de Hebb; de Tinbergen; de McClelland; de Else Frenkel-Brunswik; de Masserman; de Freeman; de Moore; de Maier; de Cattell; de French; de Stagner e Karwoski; de Skinner; de Holt-Hansen, apud Madsen, K., 1967.

## Estudo de Atitudes

Relações de ajuda para Carl Rogers, são as relações nas quais, pelo menos uma das partes procura promover na outra, o crescimento, o desenvolvimento, a maturidade, um melhor funcionamento e uma maior capacidade de enfrentar a vida. O outro, neste sentido pode ser, quer um grupo ou uma pessoa.

Quais são as características das relações que as tornam, em relação de ajuda, em relações que favorecem o crescimento?

**Estudo de Atitudes** - estudos reduzidos esclarecem as atitudes da pessoa que ajuda, atitudes que nesta relação favorecem ou pelo contrário, inibem o crescimento.

- Atitude de "aceitação democrática" (dos pais para com os filhos, favorece melhor o crescimento). As crianças quando são tratadas com afeto e de igual para igual, revelam um desenvolvimento intelectual acelerado apresentam maior originalidade, uma segurança emotiva e um domínio mais profundo, menor excitabilidade, do que as crianças que provêm de outros tipos de família. Embora o seu desenvolvimento social fosse, de início, mais lento tornavam-se frequentemente, quando atingiam a idade escolar, chefes populares amigáveis e não agressivos.
- quanto a atitude de "rejeição ativa", as crianças manifestam um retardamento no seu desenvolvimento in

telectual e uma certa falta de originalidade (crianças instáveis, rebeldes, agressivas e inquietas) (estudo de relação pais e filhos, desenvolvido por Baldwin no Fels Institute - Baldwin, A.L.; J. Kalhorn e F. H. Breese apud Rogers, C. 1970).

Essas conclusões não nos surpreendem quanto ao desenvolvimento da criança, provavelmente elas também se aplicam a adolescentes.

## Norma Social

Norma Social é utilizada como um marco de referência mais ou menos fixo. Ainda segundo Sherif, Marco de Referência se utiliza amiúde de forma algo vaga para denotar aspectos de um contexto perceptual.

Ademais, o termo norma, é conceituado como um uso mais inclusivo e descritivo da uniformidade como o de Katz e Schank (apud Rommelveit, R., 1967). É também "norma social" em pregada no sentido de pressão social e "obrigação de relação" co mo fazem Festinger e Stouffer, respectivamente.

Esses três tipos de termos sugeridos estão relacionados com três classes de conceitos que faz referência com um único termo "Norma Social" (Rommelveit, R. Normas y Roles Sociales, 1967).

- Norma Social no sentido de marco de referência comportamental.

- Norma Social como uniformidade da conduta.
- Norma Social no sentido de pressão social e obrigações de relação.

### Conceitos de Conduta Moral

Moralidade deriva do termo latino *Mores*, que significa costumes, "modismos" de normas de conduta que se adaptam aos protótipos do grupo.

- A moralidade é a autoregulação da conduta com a devida consideração visando o bem estar próprio e dos demais.
- Pode-se dizer que um ato é bom na medida em que fomenta os direitos e bem estar de todos os seres compreendidos no ato e que é mais, a proporção em que impede o bem estar e o desenvolvimento de qualquer indivíduo, apud Harlorck Elisabeth, H., 1966.

Como o indivíduo possui muitas possibilidades, deve escolher entre os diversos modos de atuar. Por sua vez, o que ele eleger determinará a qualidade de sua conduta e por sua vez esta conduta será julgada como boa ou má segundo o efeito que exerça sobre os demais.

Todo grupo social tem sua moral, isto é, fundamentais filosofias da vida que se acham incorporadas à moral e aos ta-



bus do grupo; estes são os aspectos do dever e não dever da cultura dos mesmos se espera que todo o membro do grupo adote estes costumes morais. No caso das crianças, a incapacidade para cumprir com isto se justifica admitindo que não entendem e não conhecem os costumes; portanto, na adolescência elas atuam rigidamente no indivíduo e todo o desvio do protótipo aceito merece reprovação censura ou castigo muitos dos costumes se acham incorporados a lei com penas específicas pelas transgressões dos preceitos legais (Landis, 1952).

### Aquisição dos Valores Morais

O indivíduo aprende a orientar sua conduta adaptando-se "aos códigos", "aos valores" morais que tenham adquirido do grupo. Essa aprendizagem se realiza de 3 maneiras.

- por meio das recompensas e castigos impostos
- por imitação inconsciente daqueles a quem o indivíduo se tem vinculado e a quem considera "seu ideal",
- através da reflexão que permite elaborar princípios morais de caráter geral aplicáveis as situações que podem surgir no futuro e que sejam similares aquela em que se firmou o princípio moral (Havighurst y Taba, 1949 apud Hurlock Elisabeth, H., 1966).

#### - Princípio Moral

A Educação Moral consiste não só em ensinar o indi-

víduo os códigos de ética moral do grupo senão também em vincular nele uma elevada consideração em relação ao código para que se proponha a aceitá-los e orientar-se em sua conduta de acordo com eles. Tal qual o que ocorre com as crianças e os adultos muitos adolescentes sabem o que se considera bom, porém, por um motivo o outro pode recusar a aceitar. Por conseguinte quando existe a possibilidade de escapar ao castigo esperam o pedido de aprovação social do grupo de acordo com as suas próprias normas descartando as do grupo. Em contraste o indivíduo que aceita as normas de moral do grupo domina sua própria conduta tornando desnecessárias as restrições externas.

A medida em que a adolescência vai ampliando seus horizontes sociais o indivíduo enfrenta as contradições dos valores morais de maneira muito semelhante ao que ocorre com os valores religiosos.

Os valores morais adquiridos no reduzido ambiente de sua infância se aplicam a todas as pessoas dos novos grupos sociais, da escola, o bairro, e a comunidade com os quais se acha vinculado.

O adolescente descobre que existem variações segundo sua posição econômico-social, o sexo, a nacionalidade e muitos outros fatores, tudo isto somado a maior sensibilidade ante as contradições provocadas por seu mais alto nível de inteligência cria confusões que não só complicam a aquisição de valores apropriados para seu nível de desenvolvimento, como também exercem notoria influência sobre sua conduta.

- Conflito entre os valores morais

Os valores morais adquiridos na infância, geralmente, são aceitos pela criança sem discussão. Muitos destes valores são transferidos à adolescência de forma muito similar a que foram adquiridos na infância.

Outros são modificados gradualmente quando se descobre que se esteja em conflito com os valores morais de outros adolescentes que estejam vinculado ao indivíduo.

Porém, à medida que se ampliam os horizontes sociais do adolescente, os valores morais da infância já não resultam adequados para satisfazer todas suas necessidades.

O adolescente deve então adquirir novos valores morais para satisfazer seus requerimentos atuais, em especial aos que surgem de suas recentes relações sociais com os membros do sexo oposto, o beber, fumar, a honradez e a obediência a lei (Malum y Jamison, 1952, apud Hurlock Elisabeth, H. 1966)

O adolescente descobre que existem diferentes valores morais para ambos os sexos, para os indivíduos dos diversos grupos, econômico-sociais, para as distintas origens sociais e religiosos, e para os ambientes, urbano e rural.

O indivíduo é julgado pela sua forma com que se adapta ou não às normas do grupo. Estes juízos fazem que a sociedade qualifique o indivíduo como moral ou imoral segundo seu grau de adaptação. Por meio de tais juízos o indivíduo adquire uma reputação no grupo. Quando ele se adapta ao ditames do grupo, passa a ter boa reputação e recompensas.

## 2.2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente trabalho, na apresentação de sua proposta, guardadas as proposições existentes, que é de aspecto genérico, buscou sua fundamentação no fato de que "a internalização é fator fundamental de percepção das normas de conduta social". Normas que, por sua natureza não definem crimes na acepção da palavra.

Assim, vemos que McDougall (1908) afirmava que o problema principal da psicologia social é a moralização do indivíduo pela sociedade. Contudo, de sua primeira consideração inicial, veremos que, mais tarde, Hartshorne e May (1928-1930) começaram a trabalhar com coisas mais práticas como o "bom comportamento" das crianças, verificando falta de correspondência entre os comportamentos éticos.

Inspirando-se nas tradições de Freud e Durkheim, os recentes pesquisadores passaram a considerar moralidade ou consciência como o conjunto de regras culturais de ação social que foram internalizadas pelo indivíduo. Assim, uma regra ou norma de conduta social internalizada é aquela que é seguida independentemente de motivação externa, ou seja, carece de incentivos ou sanções para o seu cumprimento. Por isso, um dos problemas centrais da psicologia do desenvolvimento é o seguinte: como é que a criança que nasce "amoral" torna-se capaz de moralidade ou seja de funcionar dentro de padrões internalizados? (McDougall, 1908).

Três aspectos principais de consciência tem sido considerados:



1. Aspecto afetivo ou emocional - que focaliza as reações de culpa que ocorrem após uma transgressão ter sido cometida. A teoria psicanalítica tem dado mais ênfase a este aspecto, com o estudo da formação do superego.
2. O aspecto cognitivo, que focaliza o problema do julgamento moral. Enfatiza-se, por isso, o que se pensa ã respeito da moralidade de um ato, não dando importância ao comportamento real da pessoa dentro de uma decisão moral, nem às reações emocionais correspondentes. Os nomes mais representativos são Piaget (1948) e Kohlberg (1963/1964).
3. O aspecto comportamental, mais estudado pelos neo-behavioristas, que focalizam o comportamento do sujeito em uma situação de decisão moral em que ele pode cumprir a regra ou não. Nomes como os de Hartshorne e May (1928/1930) pioneiros na investigação do comportamento moral, Allinsmith (1960) , Sears (1961), Bandura e Walters (1963), Grinder (1964), Aronfreed e outros (1966) (apud Biaggio, A. 1972).

Os investigadores modernos consideram "moralidade" ou "consciência" como o conjunto de regras culturais de ação social que foram internalizadas, quando são obedecidas, mesmo na ausência de incentivos ou sanções sociais. Isto é, quando sejam "intrinsecamente" motivadas.



A criança nasce amoral e, para que atue em termos de padrões internalizados, independentemente da noção teórica de consciência inata ou de tendência para o bem, é necessário que receba formação nesse sentido. O processo de socialização por que passa a criança é uma aprendizagem progressiva das atitudes corretas e percepção das normas de conduta, válidas dentro de um mesmo Sistema Social.

Não poderíamos deixar de lembrar também que o problema é, de certa forma, cultural. Os estudiosos no assunto questionam a consciência moral dentro dos 3 aspectos já mencionados: afetivo ou emocional, cognitivo e comportamental.

O aspecto afetivo manifesta-se onde as reações de culpa são analisadas após uma transgressão ocorrer, gerando emoções a serem vivenciadas pelo transgressor.

Neste aspecto, a teoria psicanalítica teve maior importância com a teoria do superego. Para Freud, o homem é um ser instintivo cujos objetivos entram em conflito com a cultura. Segundo ele, o controle dos instintos do ser humano é condição "sine qua non" para que a cultura fosse preservada institucionalmente organizacional e as leis, dirigidas para este fim.

O superego funcionaria assim, como um pai crítico, sempre pronto a censurar e punir as transgressões cometidas.

E, tanto isso é verdade que, em "Interpretação dos Sonhos" (1900) Freud introduziu a figura do "censor", ou melhor dizendo, aquele que vigia eficazmente o "fazer e o não fazer" de nós todos, e descansa à noite quando cessa a atividade motora e

o desejo inconscientemente idealizado pode vir a ser realizado através do sonho.

Freud ainda não considerava importante as influências ambientais sobre o "censor" nem seu papel no comportamento.

A função social do superego, no controle dos instintos destrutivos do homem foi, largamente discutido em "Civilization and its discontents" (1930).

A inclinação para a agressão é uma disposição instintiva que Freud acreditava ser o maior impedimento à civilização que estabelece o domínio sobre essa agressão no intuito de enfraquecê-la.

Assim, para Freud, a atuação do superego, censor maior das atitudes humanas é o responsável - mercê do sentimento de culpa criado pela falta de execução no cumprimento de regras sociais - pelo comportamento social do ser humano diante de seu grupo social.

Em "Totem e Tabú" (1913) Freud fala que a finalidade das proibições contidas nos tabus primitivos é de contrabalançar os desejos violentos dos selvagens. A transgressão do tabu resulta em punição severa. Por isso, ameaças externas de tais punições são desnecessárias para que o tabú seja cumprido. Ora se as ameaças externas são desnecessárias deve haver um controle interno, o que levou o autor a considerar que os tabús e a consciência moral tem origem semelhante.

Nas críticas feitas à teoria psicanalítica, destaca-se o fato das hipóteses não terem sido testadas, sendo que a

falta de especificidade e a não operacionalidade de seus constructos, dão margem a toda uma linha de raciocínio empírico.

Kohlberg (1963) resume da seguinte forma os conceitos psicanalíticos sobre a "culpa": as reações de culpa são produtos de identificação; a culpa é considerada a volta dos instintos agressivos sobre a própria pessoa e o superego é um sistema unitário relativamente distante do resto da personalidade (apud Biaggio, A., 1972).

Um pouco mais pragmático, o sociólogo Talcott Parsons, diz que a diferença entre o cumprimento ou não das normas sociais está de acordo com a medida de internalização das pessoas em relação a elas. Em "Structure of Social Action" (1937) Talcott Parsons oferece a visão de Durkheim a respeito da internalização das sanções, e argumenta que as normas "constituem," ao invés de regulamentarem, a ação e a natureza humana.

Através de um estudo sociológico verificamos que pessoas deixam de praticar determinadas normas porque, ou não as internalizaram ou por outro lado, internalizaram as punições a que estão sujeitos caso as pratiquem.

É comum se ver vasos em peitoris de janelas. Tal fato está capitulado como contravenção, na Lei de Contravenções Penais. Também é prática dominante o estacionamento de carros sobre calçadas destinadas a pedestres.

Contudo, esta mesma pessoa não furta (Art. 157 do Código Penal) porque "internalizou" que tal prática é passível de grave sanção. É por isso que, ao vermos alguém fazer o que passamos a clamar de "desvios de conduta simples", não nos importa

mos tanto, uma vez que estamos embutidos dentro de um mesmo sistema que não censura e até mesmo absolve. Seria o caso de "internalizar" o "desvio de conduta simples" como consequência de um padrão que aceita esta prática errada sem maiores constrangimentos.

Por outro lado, a concepção de moralidade, de Piaget de finiu e limitou o campo de suas investigações ao desenvolvimento do julgamento moral das crianças (teoria cognitiva). Para ele a moralidade é concebida como um sistema de regras. A essência da moralidade está no respeito que o indivíduo adquire pelas regras. O objetivo de Piaget foi o de analisar como a criança chega a obedecer e a respeitar regras.

Numa primeira consideração, aceitar esta definição implica em ignorar qualquer finalidade última da moralidade ou as funções a que a moralidade possa servir, bem como os processos psicológicos relacionados a tal finalidade.

Considera Piaget que a aceitação pelas crianças do conceito de moralidade está diretamente ligada a aceitação da criança pelo grupo com o qual convive. Assim, discorda de Durkheim de que a moralidade é aprendida através de imposições por uma autoridade. Para ele, as regras impostas pelo grupo é que determinam, em última instância, a internalização das normas a serem seguidas pela criança.

Outro aspecto do desenvolvimento moral que Piaget investigou foi a obediência às regras e às autoridades. Interessou-se pelo problema das circunstâncias sob as quais o realismo mo-



ral se desenvolve e é mantido. Realismo moral é a tendência a considerar o dever e o valor correspondente a ele como auto-subsistente e independente da mente, impondo-se quaisquer que sejam as circunstâncias nas quais o indivíduo se encontre. O realismo moral pode ser resumido nas seguintes afirmações: a obediência a qualquer regra é uma coisa desejável, a letra e não o espírito da lei é que é importante; as ações devem ser avaliadas em termos de sua conformidade com as regras (responsabilidade objetiva), e não de acordo com sua intenção.

Como uma espécie de contra-ponto a Piaget, Kohlberg (1963, 1964 e 1970) tem uma série de pontos de contato com a doutrina cognitiva, mas sua posição é radicalmente diferente da de Piaget e da maioria dos psicólogos que explicam o desenvolvimento moral. Isso porque acredita na universalidade de princípios morais independentemente do tipo de cultura em que o indivíduo é socializado.

Mas, se a "fórmula" de Piaget carece de maior praticidade, no caso, porque feita apenas em crianças, a proposição dos "dilemas" de Kohlberg deixam a desejar no que tange a processo de internalização. Num deles, o autor propõe que, um médico de uma cidade descobrira a cura de uma doença fatal. Um morador desta cidade pediu a ele que vendesse o remédio por preço abaixo do pedido. O médico negou, alegando que queria ficar rico com a descoberta. Ato contínuo, o morador arrombou a casa do médico e roubou o remédio, mesmo sendo uma pessoa, reconhecidamente, séria e honesta.

O dilema se torna questionável porque a situação pos-



ta é extremada e com envolvimento sentimentais de grande porte.

Seria então de perguntar como deve reagir o médico que atende um paciente necessitando urgentemente de uma transfusão de sangue e este se nega a receber a transfusão porque sua fé assim não o permite? Parece-nos inclusive que o "nosso" dilema está mais apropriado à internalização do que o de Kohlberg, porque em ambos os personagens existe todo um processo de internalização evidente: o médico que internalizou que sua missão é a de salvar vidas humanas e a do paciente que não quer negar sua fé. Só que neste caso não existe envolvimento afetivo.

Em parte, vemos a posição de Piaget como certa, mas acreditamos também na existência de princípios gerais que fazem parte de quase todas as culturas, como as entendemos. Por isso, a uniformização de certas atitudes se torna necessária para a interação do indivíduo na sociedade.

Quanto à temática proposta neste trabalho podemos ressaltar que algumas destas atitudes dizem respeito à própria cultura e os demais serão vistas como parte integrante de um comportamento universal.

Kohlberg quiz dar a conotação de conceitos universais, segundo o questionário que criou, só que este diz respeito a comportamentos desviantes como o roubo, o furto, etc.

Ao tratarmos de comportamentos referentes à ética pública como: depredar, pixar e outros, algumas destas normas só tem significado maior em algumas culturas. Se dizemos assim, é porque em alguns lugares a frase "é proibido fumar" inexistente,

uma vez que os indivíduos internalizaram a proibição e nunca descumprem aquela norma.

Assim, neste estudo enfocamos o fato de que o adolescente que percebe a norma como coisa positiva tem características próprias de personalidade. Contudo, persiste a dúvida: sendo um indiviudo internalizado vê a norma como positiva. Mas, até que ponto, na prática, ele as cumprirá e por quanto tempo manterá este padrão de comportamento.

Quanto a se dizer que a norma internalizada carece de reforço, parece-nos também algo muito discutível. Isso, porque, mesmo os indivíduos altamente motivados, necessitam, volta e meia de novos estímulos para que o cumprimento da norma internalizada seja constante, independentemente de motivação contrária.

Seria o caso do indivíduo que teve orientação familiar no sentido de cumprir normas, como não sujar ruas, não depredar etc. e na escola tivesse que conviver com outros que não tivessem estas mesmas normas internalizadas.

Como em qualquer grupo, o indivíduo busca seu espaço, seria bem provável que deixasse de lado as normas internalizadas para não ser diferente dos demais.

Assim, o mais certo é que a família aja como "formadora" e a escola dê o reforço necessário para a preservação desses valores morais.

Por outro lado, se ponderarmos que "a sociedade é uma

arena de conflitos sociais e humanos, na qual estamos inseridos" fica a pergunta: será que vale à pena deixarmos de lado nosso conforto para nos confrontarmos com indivíduos de direção opostas à nossa?

Mas, vemos também que estes indivíduos a partir do momento, em que são delicadamente abordados sobre o problema, respondem de imediato passando a valorizar e a cumprir as normas.

Outro aspecto a considerar, que, mesmo pessoas de bom nível de escolaridade, não valorizam este aspecto da conduta social explícita transferindo a responsabilidade de seus "erros" para as autoridades ou outros indivíduos.

Este aspecto foi apurado na Venezuela em que os usuá-  
rios transferiam sempre para o outro a responsabilidade dos er-  
ros cometidos. "Não sou eu quem suja, nem deprezo ou pixo; são os outros.

## CAPÍTULO III

### M E T O D O L O G I A

#### 3.1 - HIPÓTESES

A doutrina de que a adolescência é a fase mais con-turbada do ser humano e que nesse período, os jovens se tornam o-positores ao sistema, não deve ser tomado como uma verdade inso-fismável. Os tempos mudam e as mudanças geram outras concepções de vida. Trata-se aliás de um estereótipo.

A medida que o jovem vai se instruindo, tem maior ca-pacidade para discernir entre o bom e o mau, o certo e errado. Pa-ralelamente à instrução, a educação, deve ser levada em conta. Desde pequeno a criança deve passar pelo crivo da observação em relação às suas atitudes, sendo orientado para o respeito à pes-soa e valorização do patrimônio e bem estar comum.

Se isto faz parte de um processo sempre em crescimen-to, na adolescência, o jovem estará preparado para perceber os erros cometidos na convivência pública, procurando agir correta-mente com respeito às normas de conduta social. Para isto é ne-cessário que a família, representada em primeiro plano pela mu-lher que está mais próxima do lar pressupostamente, oriente, e-duque e valorize esses conceitos.

A negligência a essas normas, a não observância das mesmas, e até a falta de motivação no seu cumprimento, fazem com que, dia a dia, caminhemos para uma regressão no tempo e volte-

mos para um primitivismo rude, encapado de tecnologia e individualismo.

A partir da premissa que o jovem conscientizado, segundo suas características pessoais, pode ter uma percepção favorável das normas, determinou a hipótese que:

$H_1$  - A internalização, alto auto-conceito, a responsabilidade social e não alienação são fatores de percepção de normas.

### 3.2 - AMOSTRA

#### 1 - Sujeitos

Foram escolhidos dentro da população de estudantes do Rio de Janeiro 50 jovens de ambos os sexos, na faixa da adolescência, todos cursando o 2º grau e já com opção de escolha da área do vestibular.

A escolha prévia da área para o exame do vestibular foi solicitado para melhor definir a disposição do jovem diante de uma opção. No momento em que ele já tem capacidade de definir sua carreira, ele também já pode emitir opinião sobre as questões públicas; no caso específico, normas de comportamento ético.

Quanto aos requisitos propostos na caracterização da amostra, também, foi solicitado a nacionalidade dos pais



(pai e mãe) e a renda familiar (faixa salarial pertencente ao jovem ou sua família, quando dependente desta).

## 2 - Procedimento

Foram aplicados 4 escalas (sendo 2 de personalidade e 2 de atitude) e 1 questionário de conduta social.

As escalas já tinham sido utilizadas no Brasil e adaptadas a nossa população através de estudos de validação.

O questionário de conduta social foi elaborado pela autora.

### **Relação dos instrumentos:**

- Escala de Locus de Controle - Rotter  
(1966)
- Escala de Auto- Conceito - Janis e Field  
(1983)
- Escala de Anomia - L. Srole  
(1956)
- Escala de Responsabilidade Social - L. Berkowitz e Lutterman  
(1968)
- Questionário de Ética Pública - Fernandes, E  
(1985)  
(Folha de rosto contendo as variáveis de identificação).

A aplicação foi feita individualmente pela autora do

trabalho e tinha como condição "sine qua non" que o sujeito estivesse à vontade para se submeter à pesquisa.

- O instrumento foi aplicado na seguinte ordem, segundo o modelo anexo (Anexo I) - Folha de identificação - contendo as variáveis de caracterização; a escala de Anomia e Responsabilidade Social, o Questionário de Ética Pública e as escalas de Locus de Controle e Auto-Conceito.
- A apuração dos resultados seguiu o critério adotado pelas 4 escalas já validadas. As respostas do Questionário de Ética Pública foram dadas através da escala de Likert (5 opções). A cada opção foi dada uma numeração de 1 a 5.
- **Objetivo dos Instrumentos**
  - as escalas tiveram como objeto levantar características individuais de personalidade e de atitudes diante das normas;
  - o questionário tem como objetivo medir a percepção das normas vista pelos jovens (favorável ou desfavoravelmente)

### 3 - Apresentação dos Exemplares das Escalas e do Questionário

- **Escala Anomia:** folha única - instruções, 5 itens e respostas (2 opções: concordo e discordo).
- **Escala Responsabilidade Social:** folha única: instruções, 8 itens e resposta (2 opções: concordo e discordo).

- Escala Locus de Controle: 5 folhas, sendo 4 contendo as instruções e 29 itens e 1 folha de respostas (2 opções : a e b).
- Escala de Auto-Conceito: com 5 folhas, sendo 4 contendo as instruções e 20 itens e 1 folha de respostas (5 opções).
- Questionário de Ética Pública: folha única - instruções, exemplo e 10 itens, respostas paralelas aos itens - Escala de Likert (5 opções).

Quanto à aplicação propriamente dita, observamos que os sujeitos que se propuseram a fazer parte da pesquisa, desconheciam estas normas como originárias de portarias, decretos e leis.

Somente no término da aplicação, quando interrogados, riam e diziam que até então não tinham percebido essas coisas como questionáveis.

Segundo a ponderação dos mesmos, nunca tinham sido questionados, ou ventilados esses problemas na escola, e somente alguns familiares debatiam esses itens.

Como as faixas salariais foram várias, os assuntos também deveriam variar, de acordo com os interesses.

## CAPITULO IV

### O TRATAMENTO ESTATÍSTICO

#### 4.1 - DAS VARIÁVEIS DE IDENTIFICAÇÃO: CONCLUSÃO DOS DADOS OBTIDOS

O número de sujeitos testandos foi de 50, sendo 27 do sexo masculino e 23 do sexo feminino. O percentual foi de 54% masculino e 46% feminino.

A idade variava de 13 a 23 anos. A média foi:  $X = 17$  (13 sujeitos), 16 sujeitos ficaram abaixo da média e 21 acima. O percentual foi de 32% abaixo e 42% acima da média.

A área escolhida para o vestibular dentre as 4 estabelecidas foram:

Humana:	28 sujeitos - percentual 56% (acima de X)
Tecnológica:	12 sujeitos - percentual 24% (abaixo de X)
Biomédica:	9 sujeitos - percentual 18% (abaixo de X)
Militar:	1 sujeito - percentual 2% (abaixo de X)

O que se conclue que a área humana foi a mais procurada, incluindo o social que envolve toda essa problemática. Os sujeitos embora prefiram a área humana desconhecem a importância da interação social e conhecimento das normas de ética pública.

Quanto à origem dos pais, 84% eram brasileiros e 16% estrangeiros (pai, mãe ou ambos). Este dado não foi analisado por ter sido muito baixa a sua frequência, visto que sua influência na

formação do jovem não teria tido, resultado à nível significativo. Isto, partindo da premissa que em outros países se dê maior importância aos comportamentos sociais.

A faixa salarial variou de 1 a 26 salários; a média ficou em torno de 06 a 10 salários mínimos vigentes na época da aplicação (1985).



I) TABULAÇÃO DAS FREQUÊNCIAS DOS SUJEITOS E MÉDIA DAS FREQUÊNCIAS DAS VARIÁVEIS DE IDENTIFICAÇÃO

Tabela 1

( S E X O )

SEXO	FREQ. ABSOLUTA	FREQ. REL	FREQ. AJUSTADA	FAC.
MASCULINO	27	54	54	54
FEMININO	23	46	46	100
$\Sigma$	50	100	100	

Tabela 2

( I D A D E )

IDADE	FREQUEN CIA	FREQ. RELATIVA	FREQ. AJUSTADA	FREQ. ACUMUL.
13	1	2	2	2
14	1	2	2	4
15	7	14	14	18
16	7	14	14	32
17	13	26	26	58
18	9	18	18	76
19	3	6	6	82
20	2	4	4	86
21	3	6	6	92
22	3	6	6	98
23	1	2	2	100
	50	100	100	

Tabela 3

(ÁREA DO VESTIBULAR)

ÁREAS	FREQUEN- CIA	FREQ. RELATIVA	FREQ. AJUSTADA	FREQ. ACUMULADA
HUMANA	28	56	56	56
TECNOLOGICA	12	24	24	80
BIOMÉDICA	9	18	18	98
MILITAR	1	2	2	100
$\Sigma$	50	100	100	

Tabela 4

(DESCENDÊNCIA - "NACIONALIDADE DOS PAIS")

ORIGEM	FREQ	FREQ REL	FREQ AJUST	FREQ ACUM
PAIS BRASILEIROS	42	84	84	84
PAIS ESTRANGEIROS	8	16	16	100
$\Sigma$	50	100	100	

Tabela 5

## REDA FAMILIAR - FAIXA SALARIAL (FS)

SALÁRIOS MÍNIMOS	FREQ. ABSOL.	FREQ. REL.	FREQ. AJUST.	FREQ. ACUM.
1	2	4	4	4
2	6	12	12	16
3	1	2	2	18
4	4	8	8	26
5	2	4	4	30
6	7	14	14	44
7	3	10	6	50
8	3	6	6	56
10	6	12	12	68
15	5	10	10	73
18	1	2	2	80
20	8	12	12	92
21	1	2	2	94
23	1	2	2	96
26	2	4	7	100
Σ	50	100	100	



#### 4.2 - DISCUSSÃO DO TRATAMENTO ESTATÍSTICO DAS ESCALAS E DO QUESTIONÁRIO (EP)

##### 1 - MÉDIA E PERCENTUAL

A média de escala de Anomia foi  $X = 2.12$ .

O percentual das frequências das respostas foi de 66% abaixo da média o que significa baixa anomia e 34% acima o que indica alienação.

A média da escala de responsabilidade social obtida foi  $X = 4.60$ .

O percentual foi de 52% acima da média e 48% abaixo da média.

Concluimos que os sujeitos possuem responsabilidade social.

A média da escala de Locus de Controle obtida foi  $X = 12.10$ .

O percentual das frequências das respostas foi de 50% acima da média e 50% abaixo da média.

Os sujeitos de Locus de Controle interno e externo ficaram bem distribuídos.

A média da escala de Auto-Conceito  $X = 70.96$ .

O percentual das frequências das respostas foi de 53% acima da média e 47% abaixo da média.

Concluimos que a maioria dos sujeitos percebem as normas.

## 2 - CORRELAÇÃO DAS ESCALAS

O estudo de correlação das escalas foi feito através do método da Regressão Múltipla.

O objetivo do tratamento foi para obter dados de variabilidade das escalas.

A amostra foi de 50 sujeitos.

- Correlação da escala de Anomia com Responsabilidade Social:  $r = 0.17$ . Em estudo similar foi obtida a  $r = -0.20$  (Anomia e Desorganização, Sigelmann, E, 1961).
- Os resultados obtidos, segundo a correlação inversa entre anomia e responsabilidade social, foram comprovados conforme o previsto pela teoria de Berkowitz e Luttermann.
- A correlação entre a escala de Anomia e Locus de Controle:  $r = 0.20$ .
- A correlação entre Anomia e Auto Conceito:  $r = -0.13$ .
- A correlação entre Responsabilidade Social e Locus de Controle:  $r = 0.34$ .
- A correlação entre Responsabilidade Social e Auto Conceito:  $r = -0.45$ .
- A correlação entre Locus de Controle e Auto Conceito:  $r = -0.16$   
(vide tabela 12)

Tabela 6

ESCALA DE ANOMIA  
(Leo Srole)

## FREQÜÊNCIA DAS RESPOSTAS-CONCORDO (1)

Nº RESP. CONCORDO	FREQ	FREQ REL	FREQ AJUST	FREQ ACUM
0	1	2	2	2
1	14	28	28	30
2	18	36	36	66
3	14	28	28	94
4	3	6	6	100
$\Sigma$	50	100	100	

Tabela 7

ESCALA DE RESPONSABILIDADE SOCIAL  
(L. Berkowitz e K. Lutterman)

## FREQÜÊNCIA DAS RESPOSTAS-CONCORDO (1)

Nº RESP. CONCORDO	FREQ	FREQ REL	FREQ AJUST	FREQ ACUM
1	2	4	4	4
2	9	18	18	22
3	3	6	6	28
4	10	20	20	48
5	8	16	16	64
6	8	16	16	80
7	7	14	14	94
8	3	6	6	100
$\Sigma$	50	100	100	

Tabela 8

## ESCALA LOCUS DE CONTRÔLE

(Internalidade x Externalidade)

(Rotter, J)

## TABULAÇÃO DA FREQUÊNCIA

ESCORE	FREQ	FREQ REL	FREQ AJUST	FREQ ACUM
6	1	2	2	2
7	5	10	10	12
8	4	8	8	20
9	4	8	8	28
10	4	8	8	36
11	2	4	4	40
12	5	10	10	50
13	3	6	6	36
14	7	14	14	70
15	7	14	14	84
16	4	8	8	32
17	4	8	8	100
$\Sigma$	50	100	100	



Tabela 9

ESCALA DE AUTO CONCEITO  
(Janis e Field)

ESCORE	FREQ	FREQ REL	FREQ AJUST	FREQ ACUM
49-52	3	6	6	6
53-56	2	4	4	10
57-60	1	2	2	12
61-64	7	14	14	26
65-68	6	12	12	38
69-72	8	16	16	54
73-76	5	10	10	64
77-80	8	16	16	80
81-84	7	14	14	94
85-88	2	4	4	98
89-92	1	2	2	100
$\Sigma$	50	100	100	

Tabela 10

## MÉDIA - DESVIO PADRÃO DAS ESCALAS

	MÉDIA	DESVIO PADRÃO	TOTAL DE SUJEITOS
LOCUS DE CONTROLE	12.10	3.30	50
AUTO CONCEITO	70.96	10.07	50
ANOMIA	2.12	0.96	50
RESPONSABILIDADE SOCIAL	4.60	1.96	50
ÉTICA PÚBLICA	16.40	4.30	50

Tabela 11

MÉDIAS DAS ESCALAS  
VARIÂNCIA

ESCALAS	MÉDIA	VARIÂNCIA	RANGE	SUM	DESV.
ANOMIA	$\bar{X} = 2.12$	0,92	4.00	106.00	0.96
RESPONSABILIDADE SOCIAL	$\bar{X} = 4.60$	3.87	7.00	230.00	1.96
ÉTICA PÚBLICA	$\bar{X} = 16.14$	18.53	17.00	807.00	4.30

Tabela 12

COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO DAS ESCALAS

ESCALAS	LOCUS DE CONTROLE	AUTO- CONCEITO	ANOMIA	RESPONS. SOCIAL	ÉTICA PÚBLICA
LOCUS DE CONTROLE	1.000	<u>-0.168</u>	0.201	0.347	0.050
AUTO CONCEITO	0.168	1.000	-0.136	-0.456	0.222
ANOMIA	<u>0.201</u>	<u>-0.136</u>	1.000	<u>0.176</u>	-0.009
RESPONSABILIDADE SOCIAL	0.347	<u>-0.456</u>	0.176	1.000	-0.303
ÉTICA PÚBLICA	0.050	0.222	-0.009	-0.303	1.000

#### 4.3 - RESULTADOS DE REGRESSÃO MULTIPLA

##### CORRELAÇÃO DAS 4 ESCALAS x ÉTICA PÚBLICA

1 - Internalidade e Externalidade x Ética Pública

$$\alpha = 0.12309$$

2 - Auto Conceito x Ética Pública

$$\alpha = 2.50337$$

3 - Anomia x Ética Pública

$$\alpha = 0.00395$$

4 - Responsabilidade Social x Ética Pública

$$\alpha = 4.88175$$

A variável Auto Conceito veio confirmar a hipótese de uma correlação positiva em relação a VD Ética Pública -  $F=2.50$ . Por outro lado a variável Locus de Controle não apresentou uma correlação significativa com a VD Ética Pública -  $\alpha = 0.12$ .

Anomia (VI) x Ética Pública (VD) -  $\alpha = 0.003$

Responsabilidade Social (VI) x Ética Pública (VD) -

$$\alpha = 4.881$$

(uma fidedignidade altamente confiável)



#### 4.4 - DISCUSSÃO: REGRESSÃO MÚLTIPLA

##### ESCALA DE LOCUS DE CONTROLE E ÉTICA PÚBLICA

A VD Ética Pública em relação a VI internalidade x externalidade apresentou fidedignidade baixa não significativa  $F = 012$ . O que se conclue que o Locus de Controle não influi de so bremaneira na percepção das normas de Ética Pública.

Tantos os sujeitos de controle interno como os sujeitos de controle externo percebem as normas mas este fator não é sig nificativo na percepção específica dessas normas.

A teoria diz que os indivíduos internos tendem a perceber mais as normas do que os externos. A forma pela qual os internos percebem as normas é a maneira pela qual atribuem a si a responsabilidade dos eventos. A maneira pela qual percebem in ternamente ou externamente (dentro ou fora) pode ser de grande valia para o seu desempenho ao enfrentarem desafios ao se relacio nar com o mundo.

Os indivíduos que mais se aproximam do extremo da interna lidade percebem os eventos de maneira global, suas atitudes são mais inflexíveis, são cautelosos e atuam melhor isolados ao con trário dos que se aproximam da externalidade que são mais atentos respondem mais positivamente às influências externas, são influenciados pela presença da participação social. Os inter— nos resistem mais as influências do que os externos.

### ESCALA DE AUTO-CONCEITO E ÉTICA PÚBLICA

A fidedignidade da correlação da escala foi de  $F = 2.50$  o que, concluimos como um fator positivo significativo.

Os indivíduos possuem bom auto-conceito e a relação com o questionário revelou que esta variável influe na percepção da norma.

### ESCALA DE ANOMIA x ÉTICA PÚBLICA

A baixa anomia significa boa percepção das normas enquanto a anomia significa alienação.

Os sujeitos da amostra apresentaram baixa anomia embora tenha se considerado um fator positivo; sua correlação com o questionário através do tratamento estatístico da Regressão Múltipla não foi significativo  $F = 0.03$  o que significa que não é um fator positivo que se considere na percepção das normas embora os sujeitos da amostra tenham se apresentado como não anômicos.

Como a relação é nula depreende-se que as normas de Ética Pública não dependem do grau de Nomia ou Anomia dos sujeitos, logo, são comportamentos aleatórios decorrentes da indiferença cultural perante tais normas.

### ESCALA DE RESPONSABILIDADE SOCIAL x ÉTICA PÚBLICA

É o inverso da anomia, quanto mais alto o escore maior a responsabilidade social, fator positivo.

Em relação a Ética Pública os resultados apresentaram uma fidedignidade alta  $F = 4.88$  significativa, indo de encontro aos resultados já aferidos.

Foi comprovada a hipótese de que a responsabilidade social é um fator positivo na percepção das normas de ética pública. Eles percebem mas não valorizam as pequenas normas, por uma questão de hábitos estabelecidos.

A maioria dos sujeitos da amostra não são anômicos (alienados), percebem as normas de conduta social; possuem responsabilidade social, sabem que devem cumprir as normas

## C O N C L U S Ã O

Observadores que somos das modificações sociais impostas pelo grupamento em que vivemos, procuramos dar a este trabalho o ritmo de um "trabalho de campo". Os resultados aferidos mostram que, no universo pesquisado, a grande maioria dos sujeitos tem baixa anomia, sendo conhecedores das normas de conduta social postas em questão. No que tange à responsabilidade social esta maioria cai em seu nível como que demonstrando que, mesmo com o conhecimento das normas, o cumprimento delas, deixa a desejar, guardadas as proporções.

Seguindo, verificamos que o percentual obtido na avaliação do "locus de controle" mostra que ambos, internos e externos, tem noção das normas de conduta social, necessitando de motivação constante para cumprir estas normas.

Talvez seja por isso que o percentual obtido evidencia que o Auto-Conceito dos sujeitos esteja, levemente, acima do "break even point" (ponto de equilíbrio).

Ora, os resultados mostram que os sujeitos têm noção básica das normas, mas não as cumprem, sistematicamente porque o processo de internalização nelas é intermitente. Assim das 4 variáveis questionadas, somente duas tiveram significância em relação à norma. Responsabilidade Social e Auto-Conceito.

É muito comum se ver crianças, que internalizaram o hábito de escovar os dentes, chegarem a adolescência sendo forçadas a continuar com a prática através de conselhos, e, até mesmo, ameaças.

De mais a mais, a presença constante dos mitos, idealizadores e formadores de distorção, contribui muito para que as normas internalizadas se modifiquem com o correr do tempo, principalmente pela busca de novos papéis a serem conquistados no grupo a que o indivíduo pertence.

Se somarmos a isso, os meios de comunicação que trazem a todos vivências, hábitos e "maneira de fazer", diferentes, irreverentes e absurdas, às vezes é até normal que o processo de desinternalização aconteça, e que outras práticas (normas) sejam adquiridas em detrimento das anteriores (internalizadas).

Essa posição deixa claro a tendência em dizer que o "amoral" é usado para designar a falta de moralidade mas não inclui o fato de que as pessoas ao nascerem sejam totalmente isentas de qualquer sentimento ou consciência de moralidade.

O que mostra esse comportamento é a vida social porque as tendências e necessidades intensificam o grau de internalização das normas.

E tanto isso é verdade que adultos criados em bons ambientes e com modelos adequados, passam a atuar completamente fora dos padrões propostos, passando de cultura a desordem, como meta principal de vida.

Assim, vemos que a "moral" e "desordem" parecem bem próximas quando se faz uma análise das intenções do indivíduo voltado para um determinado sistema e vice-versa.

Outro aspecto a ser levado em conta é o fato de que



a grande maioria dos pais, tira dos filhos durante as diversas fases da vida, qualquer tipo de responsabilidade acobertando-os sob o manto da superproteção, impedindo-os assim, de tomarem suas próprias decisões errando ou acertando o que impede também de fixarem as normas de conduta social que os diversos grupos vivenciados, impõem a cada um. Com este paternalismo exacerbado, negativo sob todos os aspectos desde criança, o indivíduo tem sempre uma expectativa de que decidam por ele ou que o critiquem quando erre, sem ter maiores permissões quando mais seja de errar ou acertar sozinho.

Ora o adolescente é o produto da criança, é a imagem menor do adulto. Portanto, presunção seria de que o indivíduo mantivesse um determinado padrão de conduta, embasado na infância devidamente estruturada, com a observância de modelos estabelecidos e estratificados e os mantivessem por toda a vida.

Isso raramente acontece porque o indivíduo é absorvido pelos diversos grupos que frequenta principalmente na adolescência, onde a necessidade de afirmação é diária, para satisfazer as necessidades de aceitação no grupo. Por isso talvez uma das coisas percebidas neste trabalho é uma característica de ambigüidade. O sujeito percebe tem consciência mas não cumpre sistematicamente determinadas normas de conduta social.

E, tanto isso é verdade que em dois itens questionados em ética pública muitos dos sujeitos não sabiam que "colocar vasos nos peitoris das janelas dos edifícios" e estacionar veículos sobre as calçadas são condutas possíveis de sanções penais e administrativas. Isso é facilmente explicável porque é

prática rotineira na grande maioria da população.

Estes resultados apontam claramente que há internalização de um grupo de normas que são consideradas pela cultura verdadeiramente válidas para compor a moral: estas envolvem o grau de responsabilidade social e sua internalização é coerente com o respectivo locus de controle.

No entanto as pequenas normas não consideradas componentes desse universo de regras éticas e portanto, a conduta das pessoas revela-se indiferente, aleatória e até mesmo contraditória com os aspectos de Responsabilidade Social e Internalidade.

Obviamente o cumprimento ou descumprimento dessas pequenas normas vincula-se a hábitos adquiridos e reforçados pela cultura.

É notório que as pessoas de maior poder aquisitivo questionem esses problemas mais do que as menos favorecidos embora muitas, ou melhor, na maioria das vezes não as cumpram. Até mesmo as pessoas intelectualizadas que percebem o comportamento de outras culturas no contexto em que vivem não valorizam esse aspecto.

Assim as autoridades por diversas vezes tentaram e tentam motivar a população para o cumprimento de alguns dos itens mencionados neste trabalho, com campanhas elucidativas a respeito.

Como por encanto, muitas destas campanhas tiveram um rápido fim. Ora, porque mal elaboradas, outras porque a figura

criada acabou se tornando simpática à população e em vez de ser visto como exemplo repressor passou a ser encarada com carinho e até admiração (sugismundo). E mais a impressão que fica, é de que ninguém pretende ser "ator", isto é, vivenciar o problema até as últimas instâncias preferindo a posição de "expectador", crítico ou indiferente ao problema. Este questionamento foi alvo de trabalho de campo da Universidade de Caracas-Venezuela onde os problemas são semelhantes aos nossos (Universidade Central da Venezuela, 1984).

À respeito do Auto-Conceito as pessoas mesmo erradas se acham com direitos e agem de maneira a agredir o sistema como se fosse certo o seu comportamento e se julgam merecedoras de direito de crítica. "Se eu faço isto é porque fulano e ciclano que são os responsáveis pelo poder público não assumem suas obrigações. É como se justificando através de erros tivessem também o direito de errar.

Como consideração final, podemos dizer que a moral das crianças é instintiva e influenciada pelo adulto; a do adolescente é dirigida e orientada e no adulto é coercitiva e internalizada e no velho um processo adquirido através das vivências e experiências.

## B I B L I O G R A F I A

- ADLER, A. El Caracter Neurótico. Buenos Aires, Paidós, 1971.
- BALDWIN, A. L.; J. KALHORN e F. H. BREESE. Patterns of parent behavior, Psychol. Monogr. 1945.
- BANDURA, A. Modificação do Comportamento. Ed. Interamericana, 1969.
- BERLO, K. Processos de Comunicação. Rio de Janeiro, Cultrix, 1971.
- BIAGGIO, A. Desenvolvimento Moral: Análise Psicológica. Arquivos Brasileiros de Psicologia. Rio de Janeiro, 7: 40, jan./mar., 1972.
- \_\_\_\_\_. Desenvolvimento de Valores: Um estudo piloto Educ. e Real. Porto Alegre, 8 (1): 25-33, jan./abril, 1983.
- \_\_\_\_\_. Psicologia do Desenvolvimento. Ed. Vozes, 1983.
- \_\_\_\_\_. Pesquisas em Psicologia do Desenvolvimento da Personalidade, Assemp, 1984.
- BLONDEL, Charles. Introdução à Psicologia Coletiva. Rio de Janeiro, Ed. Biblioteca Fundo de Cultura, 1960.
- BREYER, E. História de la Filosofia. 4a. ed., Buenos Aires, Editorial Sulamericana, 1956.
- COHEN, Albert, K. Transgressão e Controle. Biblioteca Pioneiras Sociais, 1966.

- DELA COLETA, J.A. Atribuição de Causalidade, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1982.
- \_\_\_\_\_. Escala de Locus de Controle: interno e externo de Rotter - um estudo exploratório. ABP. Rio de Janeiro, oct./dez., 1979.
- DEUTSCH, M. Teorias em Psicologia Social. Buenos Aires, Paidós, 1970.
- FERGUNSON, D. Eva. A Psicologia Adleriana, Interação Social e Teoria da Motivação - 15º Congresso Internacional de Psicologia Individual, Wien, 1982.
- FREUD, S. Totem and Taboo. New York, Norton, 1950 (original 1921).
- HURLOCK, Elisabeth, H. Psicologia de la Adolescência. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1966.
- LEFCOURT, H. M. Locus of Control: Current trends in theory and research. New Jersey Laurence Erlbaum Associates, Inc, 1976.
- MCDUGALL, W. An introduction to social psychology. London, Methuen and Co Ltda, 1908.
- MADSEN K. Teorias de la Motivation. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1967.
- PARSONS, T. The structure of social action, 1937.
- PENNA, A. G. Motivação e Emoção, Ed. Rio, 1975.
- PIAGET, J. Le jugement morale chez l'enfant. Paris, PUF, 1957, 334p.



- RODRIGUES, A. Psicologia Social. Petrópolis, Vozes, 1972.
- ROCHA POMBO. História do Brasil, 1928.
- ROGERS, Carl. Tornar-se pessoa, Moraes Ed. 1970.
- ROMMELVEIT, R. Normas y Roles Sociales. Buenos Aires, Ed. Paidós, 1967.
- SCHNEIDER, E. Psicologia Social. Rio de Janeiro, Guanabara Dois, 1978.
- SIGELMANN, E. Anomia e Desorganização. Tese. Rio de Janeiro, ISOP/CPGP, 1981.
- \_\_\_\_\_. Estudo exploratório sobre a escala de Anomia de Srole. ABP. Rio de Janeiro, 64-74, jan./jun., 1981.

ANEXO I

EXEMPLAR DO  
INSTRUMENTO APLICADO

DADOS PESSOAIS

- 1 - NOME: \_\_\_\_\_
- 2 - SEXO:            F \_\_\_\_\_            M \_\_\_\_\_  
                              \_\_\_\_\_                        \_\_\_\_\_
- 3 - IDADE: \_\_\_\_\_
- 4 - NÍVEL DE ESCOLARIDADE: \_\_\_\_\_
- 5 - ÁREA ESCOLHIDA PARA O VESTIBULAR \_\_\_\_\_
- 6 - DESCENDE DE ESTRANGEIROS: Pai \_\_\_\_\_ Mãe \_\_\_\_\_ Origem: \_\_\_\_\_  
  \_\_\_\_\_                        \_\_\_\_\_
- 7 - FAIXA ECONÔMICA OU SOCIAL, SUA OU DE SUA FAMÍLIA;    QUANTOS  
SALÁRIOS PERCEBE: \_\_\_\_\_
- 8 - CASO TRABALHE QUAL A SUA PROFISSÃO: \_\_\_\_\_

## I N S T R U Ç Õ E S

Abaixo encontram-se algumas opiniões comumente formuladas sobre alguns aspectos da vida cotidiana com as quais algumas pessoas concordam e outras discordam. Nenhuma é certa ou errada. É muito provável que elas não representem adequadamente a sua própria opinião. Mesmo assim decida pela resposta que mais se aproxime do modo como você sente.

Faça um (X) adiante das palavras concordo ou Discordo para cada opinião.

	CONCORDO	DISCORDO
1. A maioria dos homens públicos não tem real interesse pelos problemas do homem comum.	( )	( )
2. Hoje em dia uma pessoa tem de viver para o momento presente e deixar o futuro para o que der e vier.	( )	( )
3. Apesar daquilo que algumas pessoas dizem os homens estão ficando piores e não melhores	( )	( )
4. Do jeito em que as coisas estão indo e até uma injustiça trazer filhos ao mundo	( )	( )
5. Hoje em dia não se sabe realmente com que contar	( )	( )

<u>RS</u>	CONCORDO	DISCORDO
1. As coisas estão de um jeito que não se sabe qual será o futuro das crianças de hoje	( )	( )
2. Às vezes tenho a sensação de estar sendo apenas usado pelas outras pessoas	( )	( )
3. Criar e educar uma criança é uma responsabilidade assustadora	( )	( )
4. Tem-se que tomar tantas decisões hoje em dia que às vezes penso que vou estourar	( )	( )
5. São tão poucas as oportunidades de promoção no trabalho que é preciso um pistolão para conseguí-la	( )	( )
6 - Tudo está tão padronizado que não se tem muita chance para uma decisão mais individualizada	( )	( )
7 - Somos apenas uma peça na máquina da vida	( )	( )
8 - As perspectivas do futuro são sombrias	( )	( )



Este questionário tem como finalidade julgar a existência de algumas normas de ética pública que afetam a Pessoa e o Patrimônio.

Abaixo você vai encontrar algumas dessas afirmações; analise cada uma delas e coloque um X na linha correspondente, dependendo da sua opinião.

Não se deixe influenciar (independente de você fazer ou não), você pode concordar totalmente, discordar ou ficar com dúvida, mas não deixe em branco nenhum dos itens abaixo relacionados.

Exemplo: Atravessar a rua com o sinal fechado (Você concorda ou não?)	Concordo totalmente	Concordo	Em dúvida	Discordo	Discordo totalmente
1. Fumar em locais proibidos					
2. Colocar vasos no peitoril das janelas dos edifícios					
3. Pizar muros e monumentos					
4. Jogar lixo nas ruas (papeis, cigarros, etc...)					
5. Depredar coisas (orelhões, caixas de correio, lixeiras, lampiões etc, de utilidade pública)					
6. Estragar placas sinalizadoras					
7. Rabiscar elevadores					
8. Estacionar veículos nas calçadas					
9. Jogar coisas ou cuspir pelas janelas					
10. Colocar cartazes em lugares proibidos					

## ESCALA DE LOCUS DE CONTROLE

Este é um questionário para descobrir a forma pela qual certos fatos importantes em nossa sociedade afetam as diferentes pessoas. Cada item consiste em um par de alternativas marcadas a ou b. Por favor, selecione uma (e somente uma) afirmação de cada par, na qual você mais firmemente acredita.

Esteja certo de selecionar aquela que você realmente acredita ser verdade, e não aquela que você gostaria ou poderia escolher como verdade. Isto é uma medida de opinião pessoal: obviamente, não há resposta certa ou errada.

Procure responder aos itens cuidadosamente, mas não gaste tempo demais num só item. Certifique-se de encontrar uma resposta para cada opção. Na folha de respostas em anexo, você deverá colocar um x sobre a letra a ou b, dependendo de qual você escolher como sendo a afirmação verdadeira, em cada item numerado.

Em alguns casos você pode descobrir que acredita em ambas as afirmações ou então em nenhuma. Nesses casos, certifique-se de optar por aquela que mais se aproxima de sua opinião. Procure, também, optar com independência, isto é, não se deixe influenciar pelas escolhas anteriores.

Lembre-se:

Escolha a alternativa que você acredita ser a mais verdadeira.

Eu acredito mais firmemente que:

1. (a) As crianças envolvem-se em problemas porque seus pais as castigam demais.  
(b) O problema com a maioria das crianças, atualmente, é que seus pais são muito permissivos com elas.
2. (a) Muitos dos infortúnios na vida da pessoa são parcialmente devidos à má sorte.  
(b) O infortúnio das pessoas resulta dos erros que elas cometem.
3. (a) Uma das razões principais pela qual temos guerras é porque as pessoas não se interessam bastante por política.  
(b) Sempre haverá guerras. Não importa o quanto as pessoas tentem impedi-las.
4. (a) Mais cedo ou mais tarde, as pessoas obtêm neste mundo o respeito que merecem.  
(b) Infelizmente, o valor de um indivíduo passa muitas vezes sem ser reconhecido, não importa o quanto ele lute para isso.
5. (a) A idéia de que professores são injustos com estudantes é uma bobagem.  
(b) Grande parte dos estudantes não percebe o quanto as suas notas são influenciadas por acontecimentos acidentais.
6. (a) Sem os momentos oportunos não se pode ser um líder afetivo.  
(b) Pessoas capazes que não conseguem se tornar líderes não aproveitaram suas oportunidades.

7. (a) Não importa quanto esforço você faça; há pessoas que sim plesmente não gostam de você.
- (b) Os que não conseguem se fazer queridos não sabem como se dar bem com os outros.
8. (a) O fator hereditário desempenha o papel principal na determinação de nossa personalidade.
- (b) É a experiência de cada um na vida que determina o que somos.
9. (a) Frequentemente verifiquei que o que está para acontecer, acontecerá.
- (b) Confiar no destino nunca acarretou conseq<sup>u</sup>ências tão boas para mim quanto tomar uma decisão de seguir um modo de ação definido.
10. (a) No caso de um aluno bem preparado, raramente existe, se é que existe, o que se pode chamar de uma prova inadequada.
- (b) Muitas vezes as perguntas de provas tendem a ser tão pouco relacionadas com a matéria do curso, que nem adianta estudar.
11. (a) Tornar-se um sucesso é questão de muito trabalho; a sorte tem pouco ou nada a ver com isso.
- (b) Conseguir um bom emprego depende principalmente de se estar no lugar certo, na hora certa.
12. (a) O cidadão médio pode exercer certa influência nas decisões do governo.
- (b) Este mundo é governado pelos poucos que estão no poder, e um cidadão qualquer não pode fazer muito a respeito disso.

13. (a) Quando faço planos, estou quase certo de que posso execu  
tá-lo.
- (b) Nem sempre é prudente planejar com muita antecedência por  
que muitas coisas acabam sendo, de uma maneira ou de ou-  
tra, questão de boa ou má sorte.
14. (a) Há certas pessoas que simplesmente não são boas.
- (b) Em cada pessoa encontra-se algo de bom.
15. (a) No meu caso, conseguir aquilo que quero tem pouco ou na-  
da a ver com a sorte.
- (b) Tirando a sorte, muitas vezes podemos decidir muito bem  
o que fazer.
16. (a) Quem consegue ser chefe, depende freqüentemente de ter  
tido bastante sorte para estar no lugar certo e em pri-  
ro lugar.
- (b) Consegue pessoas para fazer as coisas certas depende de  
habilidade; a sorte pouco ou nada tem a ver com isso.
17. (a) No que diz respeito a acontecimentos mundiais, somos, na  
maioria das vezes, vítimas de forças que não podemos en-  
tender nem controlar.
- (b) O povo pode controlar eventos no mundo, participando ati-  
vamente nos assuntos políticos e sociais.
18. (a) A maioria das pessoas não percebe o quanto suas vidas são  
controladas por acontecimentos acidentais.
- (b) Realmente não existe essa tal de sorte.



19. (a) Dever-se-ia sempre estar disposto a admitir os próprios erros.
- (b) Geralmente é melhor ocultar nossos erros.
20. (a) É difícil saber se uma pessoa realmente gosta ou não de você.
- (b) A quantidade de amigos que você tem depende de quanto vo  
cê seja uma pessoa legal.
21. (a) Mais cedo ou mais tarde, as coisas ruins que nos acontecem são contrabalançadas pelas boas.
- (b) A maioria dos infortúnios resultam de faltade habilidade, da ignorância, da preguiça ou de todas as três.
22. (a) Com bastante esforço pode-se eliminar a corrupção políti  
ca.
- (b) É difícil as pessoas conseguirem muito controle sobre aquilo que os políticos fazem em seus escritórios.
23. (a) Às vezes, não consigo entender como os professores chegam às notas que dão.
- (b) Há uma ligação direta entre o quanto eu estudo e as notas que tiro.
24. (a) Um bom líder espera que as pessoas decidam por elas mesmas o que devem fazer.
- (b) Um bom líder deixa claro para todos quais são as suas ta  
refas.
25. (a) Muitas vezes sinto que tenho pouca influência sobre as coisas que me acontecem.
- (b) Para mim é impossível acreditar que o acaso ou a sorte tenham um papel importante em minha vida.

26. (a) As pessoas são solitárias porque não procuram ser amigáveis.
- (b) Não adianta muito se você se esforça demais em agradar às pessoas: se elas gostam de você, gostam de você.
27. (a) Há uma ênfase demasiada em educação física nas escolas.
- (b) Esportes de equipe são um meio excelente de se formar o caráter.
28. (a) O que me acontece é o resultado de minhas próprias ações.
- (b) Às vezes sinto que não tenho bastante controle sobre o rumo que minha vida está tomando.
29. (a) Na maioria das vezes não consigo entender porque os políticos se comportam da forma como o fazem.
- (b) Na maioria das vezes, as pessoas são responsáveis por maus governos, tanto em nível nacional quanto local.

## FOLHA DE RESPOSTAS

01	(a)	(b)
02	(a)	(b)
03	(a)	(b)
04	(a)	(b)
05	(a)	(b)
06	(a)	(b)
07	(a)	(b)
08	(a)	(b)
09	(a)	(b)
10	(a)	(b)
11	(a)	(b)
12	(a)	(b)
13	(a)	(b)
14	(a)	(b)
15	(a)	(b)
16	(a)	(b)
17	(a)	(b)
18	(a)	(b)
19	(a)	(b)
20	(a)	(b)
21	(a)	(b)
22	(a)	(b)
23	(a)	(b)
24	(a)	(b)
25	(a)	(b)
26	(a)	(b)
27	(a)	(b)
28	(a)	(b)
29	(a)	(b)

IDADE: \_\_\_\_\_

SEXO: MASC ☐ FEM ☐

I N S T R U Ç Õ E S

- 1 - Complete, por favor, as informações pedidas na folha de respostas (idade e sexo).
- 2 - Leia, cuidadosamente a primeira pergunta e as cinco possíveis respostas abaixo da pergunta. Depois responda a pergunta fazendo, na folha de respostas, um x no número correspondente à alternativa de resposta que melhor se aplica a você.

---

POR EXEMPLO:

Se a primeira pergunta for:

- 1 - Quantos refrigerantes toma em um dia?

(1) MUITO (2) BASTANTE (3) UM POUCO (4) MUITO POUCO)

(5) QUASE NENHUM,

e se você gosta de refrigerantes mais do que de outras bebidas, você pode responder com o número (1) MUITO.

Mas, se você está de regime e não pode tomar muito líquido, você tem de fazer um X na resposta número (5) (MUITO POUco).

Etc...

- 
- 3 - Você tem de responder a todas as perguntas da mesma maneira e, POR FAVOR, é muito importante que você responda a TODAS AS PERGUNTAS.

- 01 - Quantas vezes você tem a sensação de que não pode fazer na  
da direito?
- |                    |                |
|--------------------|----------------|
| (1) MUITAS VEZES   | (4) RARAMENTE  |
| (2) COM FREQUÊNCIA | (5) QUASE NADA |
| (3) ÀS VEZES       |                |
- 02 - Quantas vezes você se sentiu bem sucedido em uma reunião so  
cial?
- |                    |                |
|--------------------|----------------|
| (1) MUITAS VEZES   | (4) RARAMENTE  |
| (2) COM FREQUÊNCIA | (5) QUASE NADA |
| (3) ÀS VEZES       |                |
- 03 - Quando você tem de falar diante de uma aula ou diante de  
um grupo de pessoas de sua mesma idade, em geral, o quanto  
fica preocupado (a)?
- |                   |                 |
|-------------------|-----------------|
| (1) MUITÍSSIMO    | (4) UM POUCO    |
| (2) MUITO         | (5) MUITO POUCO |
| (3) MAIS OU MENOS |                 |
- 04 - Quantas vezes você tem a sensação de que pode fazer bem u-  
ma coisa qualquer?
- |                    |                 |
|--------------------|-----------------|
| (1) MUITAS VEZES   | (4) RARAMENTE   |
| (2) COM FREQUÊNCIA | (5) QUASE NUNCA |
| (3) ÀS VEZES       |                 |
- 05 - O quanto você se preocupa com o fato de as pessoas gost-  
arem de estar com você?
- |                   |                 |
|-------------------|-----------------|
| (1) MUITÍSSIMO    | (4) UM POUCO    |
| (2) MUITO         | (5) MUITO POUCO |
| (3) MAIS OU MENOS |                 |



06 - Quão frequentemente você se sente uma pessoa de sucesso?

- |                    |                 |
|--------------------|-----------------|
| (1) MUITAS VEZES   | (4) RARAMENTE   |
| (2) COM FREQUÊNCIA | (5) QUASE NUNCA |
| (3) ÀS VEZES       |                 |

07 - Quão frequentemente você se sente encabulado (a)?

- |                    |                 |
|--------------------|-----------------|
| (1) MUITAS VEZES   | (4) RARAMENTE   |
| (2) COM FREQUÊNCIA | (5) QUASE NUNCA |
| (3) ÀS VEZES       |                 |

08 - Quando você fala diante de uma aula ou diante de um grupo de pessoas de sua mesma idade, quão satisfeito (a) fica com a sua apresentação?

- |                   |                 |
|-------------------|-----------------|
| (1) MUITÍSSIMO    | (4) UM POUCO    |
| (2) MUITO         | (5) MUITO POUCO |
| (3) MAIS OU MENOS |                 |

09 - Quantas vezes você se incomoda por causa de sua própria timidez?

- |                    |                 |
|--------------------|-----------------|
| (1) MUITAS VEZES   | (4) RARAMENTE   |
| (2) COM FREQUÊNCIA | (5) QUASE NUNCA |
| (3) ÀS VEZES       |                 |

10 - Como você se sente quando começa a falar com um desconhecido?

- |                   |               |
|-------------------|---------------|
| (1) MUITO BEM     | (4) MAL       |
| (2) BEM           | (5) MUITO MAL |
| (3) MAIS OU MENOS |               |

11 - Quantas vezes você se sente inferior à maioria das pessoas que conhece

(1) MUITAS VEZES

(4) RARAMENTE

(2) COM FREQUÊNCIA

(5) QUASE NUNCA

(3) ÀS VEZES

12 - Que confiança você tem de que vai ter sucesso na sua futura carreira?

(1) MUITÍSSIMO

(4) UM POUCO

(2) MUITO

(5) MUITO POUCO

(3) MAIS OU MENOS

13 - Você alguma vez pensou que não valia nada?

(1) MUITAS VEZES

(4) RARAMENTE

(2) COM FREQUÊNCIA

(5) QUASE NUNCA

(3) ÀS VEZES

14 - Quando está em uma discussão em aula, que confiança você tem em si mesmo?

(1) MUITÍSSIMO

(4) UM POUCO

(2) MUITO

(5) MUITO POUCO

(3) MAIS OU MENOS

15 - O Quanto você se preocupa em dar-se bem com as outras pessoas?

(1) MUITÍSSIMO

(4) UM POUCO

(2) MUITO

(5) MUITO POUCO

(3) MAIS OU MENOS

- 16 - Quanto confiante você sente em si mesmo (a) quanto está entre desconhecido?
- |                   |                 |
|-------------------|-----------------|
| (1) MUITÍSSIMO    | (4) UM POUCO    |
| (2) MUITO         | (5) MUITO POUCO |
| (3) MAIS OU MENOS |                 |
- 17 - Que confiança você tem em você mesmo(a) de que algum dia as pessoas que o (a) conhecem irão admirá-lo(a) e respeitá-lo(a)?
- |                   |                 |
|-------------------|-----------------|
| (1) MUITÍSSIMO    | (4) UM POUCO    |
| (2) MUITO         | (5) MUITO POUCO |
| (3) MAIS OU MENOS |                 |
- 18 - Quantas vezes você sente que não gosta de si mesmo(a)?
- |                    |                 |
|--------------------|-----------------|
| (1) MUITAS VEZES   | (4) RARAMENTE   |
| (2) COM FREQUÊNCIA | (5) QUASE NUNCA |
| (3) ÀS VEZES       |                 |
- 19 - Você alguma vez se sentiu tão desiludido (a) consigo mesmo(a) que se perguntou se existe alguma coisa na vida que valha a pena?
- |                    |                 |
|--------------------|-----------------|
| (1) MUITAS VEZES   | (4) RARAMENTE   |
| (2) COM FREQUÊNCIA | (5) QUASE NUNCA |
| (3) ÀS VEZES       |                 |
- 20 - Em geral, quando você confia em suas próprias capacidades?
- |                   |                 |
|-------------------|-----------------|
| (1) MUITÍSSIMO    | (4) UM POUCO    |
| (2) MUITO         | (5) MUITO POUCO |
| (3) MAIS OU MENOS |                 |

## FOLHA DE RESPOSTAS

01	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
02	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
03	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
04	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
05	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
06	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
07	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
08	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
09	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
10	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
11	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
12	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
13	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
14	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
15	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
16	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
17	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
18	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
19	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
20	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)

IDADE : \_\_\_\_\_

SEXO: MASC ☐ FEM ☐

ANEXO II

E S C A L A S

Escala de Locus de Controle

Rotter

Escala de Auto-Conceito

Janis e Field

Escala de Anomia

Leo Srole

Escala de Responsabilidade Social

L. Berkowitz e K. Lutterman



## ESCALA DE LOCUS DE CONTROLE (1966)

Utilizada com o objetivo de explicitar para onde se dirigem os eventos relacionados ou inseridos neles.

Nos anos 60 foi introduzido na literatura psicológica o constructo de Locus de Controle; sua origem esta ligada aos estudos de percepção de controle, se é própria do sujeito (interna) ou pertecente a algum elemento fora de si próprio (externa). Esta é uma importante variável de predição e modificação do comportamento humano (Lefcourt, 1976).

Deve-se principalmente a Rotter (1966) e Rotter and Murry (1965) parte do desenvolvimento e importância desse constructo. Denominada "The Rotter internal-external locus of control scale (Rotter, 1966) dentre as muitas escalas desenvolvidas por estudiosos foi a mais aceita tendo sido adotada no Brasil.

É um questionário de 29 itens de escolha com 2 opções em cada item.

Segundo Rotter o sujeito deverá portar-se em 2 extremos distintos, de um lado atribuindo a responsabilidade do evento para si (controle interno) e por outro transferindo a outrem a responsabilidade tanto pessoas como instituições (controle externo).

A sua avaliação é feita através do escore do indivíduo, quanto mais alto o escore mais externo e quanto mais baixo mais interno.

Os tratamentos estatísticos indicam que a escala de Locus de Controle interno x externo de Rotter apresenta índices de confiabilidade em seus itens. É necessária a normalização em nosso meio, em outras populações para melhor se conhecer a adequação desse constructo.

O modelo de escala aplicada no presente trabalho consta de 5 folhas contendo: instruções, 29 itens e folha de resposta anexa.

## ESCALA DE AUTO CONCEITO

(Janis e Field)

A escala de Auto Conceito de Janis e Field (1959) revisada e aumentada por Eagly (1967) foi traduzida e adaptada à população brasileira por Crano, Crano e Biaggio (1983).

É utilizada para detectar o Auto-Conceito, conjunto de atitudes e crenças que um indivíduo tem a respeito de si próprio.

A forma utilizada no presente trabalho, consta de um questionário com 20 itens, e folha de respostas com 5 opções.

A sua avaliação é feita em relação ao alto e baixo Auto-Conceito através do escore obtido.

Sua apuração é feita com máscara de correção dada pelos valores obtidos: escore alto denota um alto auto-conceito, e escore baixo denota um baixo auto-conceito.

## ESCALA DE RESPONSABILIDADE SOCIAL

Destina-se a avaliar a responsabilidade social de uma pessoa no sentido de cooperação. Foi elaborada por L. Berkowitz e K. Lutterman publicada em 1968.

É oposta a alienação (quanto mais alta a responsabilidade mais baixa a alienação) uma vez que seus itens refletem atitudes de participação ativa na sociedade e certo compromisso com os valores tradicionais da sociedade.

Os itens originais da escala eram do tipo Likert (com 5 opções) e sua fidedignidade apresenta um coeficiente satisfatório embora não haja dados numéricos.

A atual escala consta de 8 itens avaliados através de 2 opções: concordo (1) e discordo (2).

Apenas são consideradas as respostas concordo, onde é atribuído 1 ponto.

Coeficientes entre Anomia e Baixa Responsabilidade Social, Mc Closky, 1965 (adaptada por Robinson e Shaver, 1976).

Alta Anomia e Baixa RS =  $r = 059$

Média " " RS =  $r = 030$

Baixa " " RS =  $r = 011$

## ESCALA DE ANOMIA

Desenvolvida por Leo Srole, a escala consta de cinco itens que pretendem identificar pessoas anômicas, isto é se elas experimentam sentimentos de que:

- 1) as autoridades sociais são indiferentes frente às necessidades dos indivíduos da comunidade;
- 2) impotência para realização ante uma ordem social imprevisível;
- 3) as metas da vida são alcançadas individualmente e afastadas da ordem social geral;
- 4) ausência de cooperação social;
- 5) futilidade do significado da vida;

Apresentada sob forma de opiniões, com duas opções de respostas (concordo x discordo), é atribuído um ponto a cada resposta concordo. A unidimensionalidade da escala foi comprovada pela análise de estrutura latente e análise fatorial (Streuning e Richardson, 1965; Miller e Butler, 1966) e foi encontrada um coeficiente de fidedignidade igual a 0.76 com um M = 401 sujeitos tomados da população geral nos EE.UU. pelo método das duas metades (itens pares x itens ímpares) e corrigido pela fórmula de Spearman Brown.



ANEXO III

QUESTIONÁRIO DE ÉTICA PÚBLICA

## QUESTIONÁRIO DE ÉTICA PÚBLICA

(Fernandes, E, 1985)

1 - INTRODUÇÃO

a) Consideramos normas de ética pública todos os comportamentos comuns aos indivíduos que participam de uma comunidade. Neste caso, foram considerados 10 comportamentos oriundos de portarias, decretos e leis, elaborados pelas autoridades públicas. A transgressão dessas normas implica em sanções administrativas e jurídicas.

O questionário consta de instrução, de 1 exemplo e dos 10 itens relacionados (Anexo I).

A resposta é dada através de 5 opções (Escala de Likert)

A aplicação do questionário foi feita individualmente com mais 4 escalas.

Os sujeitos em que foram aplicados: adolescentes, ambos os sexos cursando o 2º grau e já com a escolha da área para o vestibular.

É importante ressaltar a importância da escolha da área para o vestibular, que denota já nessa fase do jovem a capacidade de decisão, podendo opinar sobre condutas públicas.

A avaliação das respostas foi feita através das 5 opções da folha de respostas e codificados de 1 a 5 para ser feito o tratamento dos dados (sistema Fortran).

- b) O estudo de fidedignidade dos itens do questionário para se obter a validade do instrumento foi através do método Alpha de Cronbach e os resultados obtidos foram  $F = 0.79$ , concluindo-se que o instrumento está bem direcionado no que pretende medir.

## QUESTIONÁRIO DE ÉTICA PÚBLICA

Este questionário tem como finalidade julgar a existência de algumas normas de ética pública que afetam a Pessoa e o Patrimônio.

Abaixo você vai encontrar algumas dessas afirmações; analise cada uma delas e coloque um X na linha correspondente, dependendo da sua opinião.

Não se deixe influenciar (independente de você fazer ou não), você pode concordar totalmente, discordar ou ficar com dúvida, mas não deixe em branco nenhum dos itens abaixo relacionados.

	Concordo totalmente	Concordo	Em dúvida	Discordo	Discordo totalmente
Exemplo: Atravessar a rua com o sinal fechado (Você concorda ou não?)					
1. Fumar em locais proibidos					
2. Colocar vasos no peitoril das janelas dos edifícios					
3. Pixar muros e monumentos					
4. Jogar lixo nas ruas (papéis, cigarros, etc...)					
5. Depredar coisas (orelhões, caixas de correio, lixeiras, lampiões etc, de u- tilidade pública)					
6. Estragar placas sinalizadoras					
7. Rabiscar elevadores					
8. Estacionar veículos nas calçadas					
9. Jogar coisas ou cuspir pelas janelas					
10. Colocar cartazes em lugares proibidos					

QUESTIONÁRIO DE ÉTICA PÚBLICA**Tratamento Estatístico**

- 1 - Frequência das respostas nos itens (tabela 1)
- 2 - Média e desvio padrão dos itens (tabela 2)
- 3 - Matriz covariância dos itens (tabela 3)
- 4 - Matriz de correlação ( $r$ ) dos itens (tabela 4)
- 5 - Fidedignidade dos itens (tabela 5)



Tabela 1

(QUESTIONÁRIO DE ÉTICA PÚBLICA)

RESPOSTAS

(dadas pelos sujeitos na questionário Ética Pública/Escala de Likert)

ESCALA LIKERT	ITEM											$\Sigma$ /RESP
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Concordo totalmente		3	10	-	2	-	-	-	14	1	3	33
Concordo		-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	2
Em dúvida		1	12	-	3	-	-	-	14	1	4	35
Discordo		13	10	44	25	48	40	35	10	32	20	277
Discordo totalmente		33	17	6	20	2	10	15	12	16	22	153
$\Sigma$		50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	500

Resultado do somatório das frequências dos itens: 430 resp. foram a favor da norma e discordaram da transgressão; 35 foram de dúvida e 35 discordam da norma.

Tabela 2

(MÉDIA E DESVIO PADRÃO DOS ITENS)

(N = 50)

ITEM	X	G
1	1.48	0.81
2	2.50	1.09
3	1.12	0.32
4	1.64	0.77
5	1.04	0.19
6	1.20	0.40
7	1.30	-0.46
8	2.64	-1.10
9	1.42	-0.64
10	1.80	-0.83

Os itens que apresentaram maior dúvida em relação à existência da norma foram o 2. e 8. (Tabela 1).

Tabela 3

MATRIZ COVARIÂNCIA

ITEM	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	0.66									
2	0.02	1.19								
3	0.10	0.02	0.10							
4	0.42	0.10	0.04	0.60						
5	0.06	0.00	0.03	0.01	0.03					
6	0.10	0.06	0.05	0.07	0.03	0.16				
7	0.11	0.03	0.06	0.08	0.02	0.14	0.21			
8	0.38	0.22	0.10	0.35	0.05	0.07	0.13	0.21		
9	0.28	0.07	0.11	0.27	0.02	0.07	0.09	0.27	0.41	
10	0.46	0.08	0.12	0.41	0.08	0.14	0.20	0.57	0.33	0.59

Tabela 4

MATRIZ DE CORRELAÇÃO  
(r)

ITEM	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	1.00									
2	0.02	1.00								
3	0.39	0.05	1.00							
4	0.66	0.12	0.17	1.00						
5	0.38	0.00	0.55	0.09	1.00					
6	0.32	0.13	0.43	0.23	0.40	1.00				
7	0.31	0.06	0.42	0.24	0.31	0.76	1.00			
8	0.42	0.18	0.29	0.41	0.25	0.16	0.25	1.00		
9	0.54	0.10	0.53	0.55	0.18	0.29	0.32	0.38	1.00	
10	0.68	0.08	0.46	0.64	0.54	0.42	0.52	0.63	0.61	1.00

Tabela 5

## FIDEDIGNIDADE DOS ITENS

ITEM	MÉDIA ESCALA	VARIÂNCIA ESCALA	CORREÇÃO ITEM	MÚLTIPLO	ALPHA ITEM
1	14.66	13.94	0.64	0.59	0.75
2	13.64	16.11	0.13	0.08	0.83
3	15.02	17.08	0.49	0.56	0.78
4	14.50	14.33	0.61	0.63	0.75
5	15.10	17.80	0.41	0.62	0.79
6	14.94	16.83	0.46	0.65	0.78
7	14.84	16.50	0.48	0.68	0.77
8	13.50	12.94	0.55	0.44	0.76
9	14.72	15.02	0.62	0.60	0.75
10	14.34	12.96	0.81	0.82	0.72

Fidedignidade da escala:

O tratamento estatístico utilizado foi Alpha de Cronbach

$$F = 0.79.308$$

OBS.: Todos os 10 itens apresentaram fidedignidade significativa.  
 . Inter-correlação dos itens -  $X = 0,33$ .



ANEXO IV

AVALIAÇÃO DAS ESCALAS

## AVALIAÇÃO DAS ESCALAS

### Escala de Anomia

#### Avaliação:

- Somam-se apenas as respostas concordo (1), abandonando as discordo (2).

- Escore do sujeito:  $\Sigma$  das respostas concordo (1)

#### Interpretação:

Quanto mais baixo o escore menor o grau de anomia.

#### Tabela:

1 a 2 pontos - baixa anomia

3 pontos - média anomia

4 a 5 pontos - alta anomia

"A baixa anomia é o fator positivo"

### Escala de Responsabilidade Social

#### Avaliação:

- Somam-se apenas as respostas concordo (1), abandonando as discordo (2).

#### Interpretação:

É o inverso da escala de anomia. Quanto mais alto o escore do sujeito mais alta a responsabilidade social.

## Tabela:

1 a 3 -	baixa responsabilidade social	
1 a 5 -	média	" "
6 a 8 -	alta	" "

"A alta responsabilidade social é o fator positivo"

## Escala de Locus de Controle

## Avaliação:

Correção feita através de máscara. Somam-se os pontos obtidos. Obtem-se a X do grupo.

## Interpretação:

Os sujeitos abaixo da média são internos.

Os sujeitos acima da média são externos.

## Escala de Auto-Conceito

## Avaliação:

Correção feita através de máscara. Invertem-se os pontos dos itens (1 - 3 - 5 - 7 - 9 - 11 - 13 - 15 - 18 - 19). Subtraí-se de 120 os pontos obtidos. Ex.:  $120 - 60 = 60$ . Tira-se a média de todos os sujeitos do grupo.

## Interpretação:

Os sujeitos acima da média indicam alto auto-conceito.

Os sujeitos abaixo da média indicam baixo auto-conceito.

## Questionário de Ética Pública

### Avaliação:

Somam-se apenas as respostas dadas, numerando-as de 1 a 5 (5 opções do tipo Likert):

- 5 - Discordo totalmente
- 4 - Discordo
- 3 - Dúvida
- 2 - Concordo
- 1 - Concordo totalmente

### Interpretação:

O grau cinco (discorda totalmente) o sujeito concorda com a existência da norma e discorda da transgressão.

O grau um (concorda totalmente) o sujeito discorda da existência da norma e concorda com a transgressão.

## ANEXO V

## T E R M I N O L O G I A



TERMINOLOGIA

- 1 - Alienação: Atitude do indivíduo diante de sentimentos difusos de inutilidade de sua participação influente sobre o processo social (Dean, 1961).
- 2 - Anomia: Sentimento generalizado e difuso de má integração social com o sistema e com pessoas (Srole, 1956).  
  
Nomia: Não-alienação, conformidade dos valores institucionalizados.
- 3 - Auto-Conceito: Como o indivíduo se percebe. O valor que ele atribue a sua pessoa.
- 4 - Atitude Social: A posição do indivíduo diante das normas sociais impostas decorrente da convivência social.
- 5 - Conduta Social: Comportamento do indivíduo dentro de uma sociedade ou grupo social.
- 6 - Comportamento Social: A maneira pela qual o indivíduo se comporta e responde aos estímulos das normas sociais impostas.
- 7 - Organização Social: Quebra dos eventos por violação das regras, estruturas que articulam as atividades do sistema.
- 8 - Ética Pública: Normas de conduta moral pública, dizem respeito a pessoa e ao patrimônio (Fernandes, E., 1985).
- 9 - Locus de Controle: É a maneira pelo qual o indivíduo se coloca ao perceber a origem do controle dos eventos: se

dentro ou fora dele.

- 10 - Motivação: Razão, motivo pelo qual indivíduo faz ou deixa de fazer alguma coisa.
- 11 - Moralidade ou Consciência: Conjunto de regras culturais de ação social que foram internalizadas pelo indivíduos.
- 12 - Norma Social: Pressão social e obrigação de relação (Festinger e Stouffer).
- 13 - Ordem Social: Complexo de normas e regras e princípios disciplinares dos indivíduos entre si e em relação.
- 14 - Regras Internalizadas: São aquelas obedecidas mesmo na ausência de incentivos ou sanções sociais, ou seja, se a conformidade for intrinsecamente motivada.

A Dissertação "MOTIVAÇÃO PARA O CUMPRIMENTO DE NORMAS DE CONDUTA SOCIAL" foi considerada *aprovada*

Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1987

*Eliezer Schneider*

Eliezer Schneider  
Professor Orientador

*Franco Lo Presti*

Franco Lo Presti Seminário  
Membro da Comissão Examinadora

*Oswaldo Chateaubriand Filho*

Oswaldo Chateaubriand Filho  
Membro da Comissão Examinadora